UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS:
BIOQUÍMICA

Júlia Pramio

O SULFITO CAUSA DISFUNÇÃO BIOENERGÉTICA E REDOX EM CÉREBRO DE ANIMAIS NEONATOS E CULTURAS DE ASTRÓCITOS

Porto Alegre
2020

Júlia Pramio

O SULFITO CAUSA DISFUNÇÃO BIOENERGÉTICA E REDOX EM CÉREBRO DE ANIMAIS NEONATOS E CULTURAS DE ASTRÓCITOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas: Bioquímica do Instituto de Ciências Básicas da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em Bioquímica.

Orientador: Prof. Dr. Guilhian Leipnitz
Coorientador: Dr. Mateus Grings

Porto Alegre
2020

CIP - Catalogação na Publicação

Pramio, Júlia
O sulfito causa disfunção bioenergética e redox em cérebro de animais neonatos e culturas de astrócitos / Júlia Pramio. -- 2020.
124 f.
Orientador: Guilhian Leipnitz.

Coorientador: Mateus Grings.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas: Bioquímica, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Deficiência isolada da sulfito oxidase. 2. Deficiência do cofator molibdênio. 3. Sulfito. 4. Período neonatal. 5. Cérebro. I. Leipnitz, Guilhian, orient. II. Grings, Mateus, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

À minha família, especialmente aos meus pais, pelo incentivo, suporte, torcida e apoio às minhas escolhas. Vocês são tudo pra mim!

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela formação gratuita e ensino de qualidade.

Ao CNPq, pela bolsa de mestrado.

Ao Departamento de Bioquímica, por viabilizar a realização desse trabalho.

Ao Guilhian, meu orientador, pela oportunidade, confiança, ensinamentos, incentivo e amizade.

Ao Mateus, meu coorientador, por compartilhar todo o seu conhecimento e experiência, pela amizade, paciência e convivência no laboratório.

Ao Prof. Dr. Moacir Wajner, pelas colaborações.

Aos meus colegas e também ao pessoal do laboratório 38, por toda a ajuda, receptividade, amizade e convivência.

Aos alunos de iniciação científica do laboratório, pela dedicação, auxílio e amizade.

A todos os meus amigos, pelas conversas, conselhos e apoio.

SUMÁRIO

PARTE I **1**
RESUMO **2**
ABSTRACT **3**
LISTA DE ABREVIATURAS **4**
I. 1. INTRODUÇÃO **6**
I. 1.1. SULFITO OXIDASE (SO) 6
I. 1.2. DEFICIÊNCIA DA SO 7
I. 1.2.1. Apresentação Clínica *9*
I. 1.2.2. Achados Neurológicos *10*
I. 1.2.3. Achados Laboratoriais *10*
I. 1.2.4. Diagnóstico Pré-Natal *12*
I. 1.2.5. Tratamento *13*
I. 1.2.6. Fisiopatologia *14*
I. 1.3. HOMEOSTASE REDOX 15
I. 1.4. METABOLISMO ENERGÉTICO CEREBRAL 17
I. 1.4.1. Creatina cinase (CK) *18*
I. 1.5. DINÂMICA MITOCONDRIAL E MITOFAGIA 19
I. 1.6. PROTEÍNAS CINASES ATIVADAS POR MITÓGENOS (MAPKs) 20
I. 1.7. PROTEÍNA TAU 21
I. 2. OBJETIVOS **22**
I. 2.1. OBJETIVO GERAL 22
I. 2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS 22
PARTE II **23**
II. CAPÍTULO I **24**
PARTE III **62**
III. 1. DISCUSSÃO **63**
III. 2. CONCLUSÕES **70**
III. 3. PERSPECTIVAS **71**
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **72**
ANEXO I **85**

PARTE I

RESUMO

A deficiência isolada da sulfito oxidase (ISOD) e a deficiência do cofator molibdênio (MoCD) são doenças metabólicas hereditárias que afetam principalmente o sistema nervoso central (SNC). Grande parte dos pacientes apresentam sintomas graves de início precoce, incluindo crises convulsivas neonatais e encefalopatia de rápida progressão, geralmente levando a óbito nos primeiros meses de vida. Estudos vêm sendo realizados a fim de elucidar os mecanismos fisiopatológicos dessas doenças e indicam que o sulfito, principal metabólito acumulado nos pacientes, é neurotóxico. Com o intuito de avaliar a toxicidade do sulfito no período neonatal, ratos Wistar receberam uma injeção intracerebroventricular (icv) de sulfito (0,5 µmol/g) ou veículo (PBS) no 1º dia de vida, sendo eutanasiados 30 min após a administração do metabólito para a avaliação de parâmetros em córtex cerebral. Além disso, avaliamos os efeitos do sulfito (100 – 1.000 µM), *in vitro*, em culturas primárias de astrócitos corticais após um período de incubação de 6 e 24 h. Primeiramente, observamos que a administração icv de sulfito alterou a homeostase redox, pois diminuiu os níveis de glutationa reduzida (GSH) e a atividade da enzima glutationa S-transferase (GST) e aumentou o imunoconteúdo de heme oxigenase-1 (HO-1). Com relação aos parâmetros de metabolismo energético, o sulfito diminuiu a atividade das enzimas succinato desidrogenase (SDH) e creatina cinase (CK), bem como dos complexos II e II-III da cadeia respiratória. Por fim, também observamos que o sulfito aumentou o imunoconteúdo da cinase regulada por sinalização extracelular 1/2 (ERK 1/2) e da cinase p38, apesar de não alterar a fosforilação dessas proteínas. Em culturas de astrócitos, o sulfito aumentou a oxidação de 2’,7’- diclorofluorescina (DCFH) e os níveis de lactato extracelular após 6 e 24 h de incubação, respectivamente. Analisados em conjunto, esses achados indicam que o sulfito causa um desequilíbrio redox e altera o metabolismo energético, o que pode estar contribuindo para as anormalidades cerebrais observadas em pacientes recém-nascidos com a ISOD e a MoCD.

Palavras chave: Deficiência isolada da sulfito oxidase; Deficiência do cofator molibdênio; Sulfito; Homeostase redox; Metabolismo energético; Período neonatal; Cérebro.

ABSTRACT

Isolated sulfite oxidase deficiency (ISOD) and molybdenum cofactor deficiency (MoCD) are inherited metabolic diseases that affect mainly the central nervous system (CNS). Most patients have severe early onset symptoms, that include neonatal seizures and rapidly progressive encephalopathy, usually leading to death in the first months of life. Studies have been carried out in order to elucidate the pathophysiology of these diseases and have shown that sulfite, the main metabolite accumulated in patients, is neurotoxic. In order to assess the toxicity of the sulfite in the neonatal period, Wistar rats received an intracerebroventricular (icv) injection of sulfite (0.5 µmol / g) or vehicle (PBS) on the first day of life, being euthanized 30 min after the administration of the metabolite for the evaluation of parameters in the cerebral cortex. In addition, we evaluated the *in vitro* effects of sulfite (100 - 1,000 µM) in primary cultures of cortical astrocytes after an incubation period of 6 and 24 h. First, we observed that the icv administration of sulfite altered redox homeostasis, as verified by the decreased levels of reduced glutathione (GSH) and activity of the enzyme glutathione S-transferase (GST) and increased immunocontent of heme oxygenase-1 (HO-1). Regarding the parameters of energy metabolism, sulfite decreased the activity of the enzymes succinate dehydrogenase (SDH) and creatine kinase (CK), as well as of complexes II and II-III of the respiratory chain. Finally, we observed that sulfite increased the immunocontent of extracellular signal-regulated kinase 1/2 (ERK 1/2) and p38 kinase despite not altering the phosphorylation of these proteins. In astrocyte cultures, sulfite increased 2',7'- dichlorofluorescin (DCFH) oxidation and the extracellular lactate levels after 6 and 24 h of incubation, respectively. Taken together, these findings indicate that sulfite causes a redox imbalance and alters energy metabolism, which may contribute to the onset of brain abnormalities seen in neonates with ISOD and MoCD.

Keywords: Isolated sulfite oxidase deficiency; Molybdenum cofactor deficiency; Sulfite; Redox homeostasis; Energy metabolism; Neonatal period; Brain.

LISTA DE ABREVIATURAS

AO – aldeído oxidase

CAC – Ciclo do ácido cítrico

CAT – Catalase

CK – Creatina cinase

CLAE – Cromatografia líquida de alta eficiência

cPMP – Piranopterina cíclica monofosfato

CS – Citrato sintase

CTE – Cadeia transportadora de elétrons

DCFH – Diclorofluorescina

DRP1 – Proteína relacionada à dinamina 1

ERK 1/2 – Cinase regulada por sinalização extracelular 1/2

ERNs – Espécies reativas de nitrogênio

EROs – Espécies reativas de oxigênio

G6PDH – Glicose-6-fosfato desidrogenase

GDH – Glutamato desidrogenase

GFAP – Proteína fibrilar glial ácida

GPx – Glutationa peroxidase

GR – Glutationa redutase

GSH – Glutationa reduzida

GSSG – Glutationa oxidada

GST – Glutationa S-transferase

HO-1 – Heme oxigenase-1

Iba1 – Molécula adaptadora de ligação ao cálcio ionizado 1

ISOD – Deficiência isolada da sulfito oxidase

JNK – Cinase C-Jun N-terminal

MAPKs – Proteínas cinases ativadas por mitógenos

MAPs – Proteínas associadas a microtúbulos

mARC1 e 2 – Componente redutor da amidoxima mitocondrial 1 e 2

MCTs – Transportadores de monocarboxilato

MDH – Malato desidrogenase

MFN1 e 2 – Mitofusina 1 e 2

MKPs – MAPK fosfatases

MME – Membrana mitocondrial externa

MMI – Membrana mitocondrial interna

MoCD – Deficiência do cofator molibdênio

MoCo – Cofator molibdênio

MTT – Metiltiazolildifenil-tetrazólio

NeuN – Proteína nuclear específica de neurônios

OPA1 – Proteína atrófica óptica 1

PINK1 – Cinase 1 induzida por PTEN

SDH – Succinato desidrogenase

SNC – Sistema nervoso central

SO – Sulfito oxidase

SOD – Superóxido dismutase

XOR – Xantina oxidoredutase

$\Delta\Psi m$ – Potencial de membrana mitocondrial

I. 1. INTRODUÇÃO

I. 1.1. SULFITO OXIDASE (SO)

A SO está localizada no espaço intermembranas mitocondrial (Tan et al., 2005; Hoffmann et al., 2007; Claerhout et al., 2017) de diversos tecidos, sendo que fígado, rim, músculo esquelético, coração, placenta e cérebro estão entre os que mais expressam o gene desta enzima em seres humanos (Woo et al., 2003; Tan et al., 2005). A função da SO é catalisar a última etapa da via de degradação de aminoácidos sulfurados, cisteína e metionina, oxidando sulfito a sulfato (Johnson, 2003; Relinque et al., 2015; Atwal e Scaglia, 2016; Lee et al., 2017). Além disso, a SO também é responsável por metabolizar o sulfito derivado da exposição ambiental ao dióxido de enxofre (SO_2) e ingerido por meio de alimentos e fármacos (Mendel e Bittner, 2006; Pundir e Rawal, 2013; Kappler e Enemark, 2014; Velayutham et al., 2016), mantendo sua concentração sérica em até 10 µM (Ji, Savon e Jacobsen, 1995; Pundir e Rawal, 2013).

A SO é um homodímero, tendo monômeros constituídos de três domínios: o domínio heme citocromo b_5 (N-terminal); o domínio catalítico central, que abriga o cofator molibdênio (MoCo); e o domínio C-terminal, responsável pela dimerização (Schwarz, 2016; Bender et al., 2019). O MoCo, que consiste em uma molécula de molibdopterina ligada a um molibdênio, deve ser previamente sintetizado pelo organismo a partir de GTP (Figura 1) (Johnson, 2003; Atwal e Scaglia, 2016; Schwarz, 2016). Durante a reação enzimática, o molibdênio (VI) é reduzido a molibdênio (IV) por dois elétrons provenientes do sulfito, resultando na formação de sulfato. A reoxidação do molibdênio (IV) se dá primeiramente pela transferência intramolecular dos elétrons para o heme citocromo b_5, que, em seguida, é oxidado pelo citocromo *c* da cadeia respiratória (Garrett et al., 1998; Belaidi et al., 2015; Bender et al., 2019).

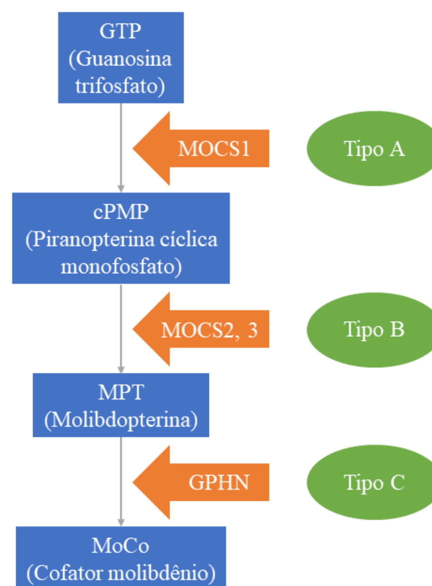


Figura 1. Biossíntese do cofator molibdênio (MoCo) e classificação da doença de acordo com a deficiência enzimática (Adaptado de Alonzo Martínez et al., 2020).

I. 1.2. DEFICIÊNCIA DA SO

A deficiência da SO pode ocorrer de duas formas: deficiência isolada da SO (ISOD) ou deficiência do cofator molibdênio (MoCD) (Kisker et al., 1997; Garrett et al., 1998; Edwards et al., 1999; Basheer et al., 2007; Westerlinck et al., 2014; Relinque et al., 2015; Sharawat et al., 2020). Ambas são doenças neurometabólicas genéticas raras (Tan et al., 2005; Relinque et al., 2015; Durmaz e Özbakir, 2018; Sharawat et al., 2020) e possuem padrão de herança autossômico recessivo (Johnson, 2003; Rocha et al., 2014; Relinque et al., 2015; Cornet, Sands e Cilio, 2018), logo, heterozigotos não manifestam a doença (Edwards et al., 1999; Johnson, 2003). Enquanto os pacientes portadores da ISOD apresentam mutações no gene *SUOX*, que codifica a SO (Claerhout et al., 2017; Lee et al., 2017), indivíduos com a MoCD apresentam mutações nos genes *MOCS1, MOCS2, MOCS3* ou *GPHN*, que codificam enzimas envolvidas na biossíntese do MoCo (Sass et al., 2010; Westerlinck et al., 2014; Zaki et al., 2016; Durmaz

e Özbakir, 2018; Alonzo Martínez et al., 2020). Dois terços dos casos de MoCD são causados por mutações no gene *MOCS1* (Belaidi et al., 2015; Atwal e Scaglia, 2016; Zaki et al., 2016; Cornet, Sands e Cilio, 2018) e apenas dois pacientes são descritos com mutações no gene *GPHN* (c.65-?_102+?del, resultando em Exon2/3del, e c.1739A>C, resultando na substituição p.D580A) (Reiss e Hahnewald, 2010; Bayram et al., 2013; Atwal e Scaglia, 2016; Scelsa et al., 2019). Atwal e Scaglia (2016) relataram haver mais de 60 variantes patogênicas em *MOCS1* e *MOCS2*. Quanto ao gene *MOCS2*, Arican et al. (2019) contabilizaram vinte e nove diferentes mutações descritas, incluindo deleções, duplicações, variações missense, nonsense e frameshift. As mutações 956G>A (R319Q), 418+1G>A e 1523del2 em *MOCS1* parecem frequentes, sendo, cada uma, já identificada em pelo menos dez famílias, segundo Johnson (2003). Recentemente, um paciente com mutação missense no gene *MOCS3* também foi identificado (c.769G>A; substituição p.Ala257Thr) (Huijmans et al., 2017). Já no gene *SUOX*, mutações missense, nonsense e frameshift foram observadas. Mutações missense podem estar relacionadas a alterações na conformação do sítio ativo da SO, na sua dimerização e em resíduos de ligação do MoCo (Johnson et al., 2002; Karakas e Kisker, 2005). De acordo com Tan et al. (2005), a mutação 479G>A (substituição R160Q) ocorreu em pelo menos quatro pacientes.

Aproximadamente cinquenta indivíduos com ISOD e cento e cinquenta com MoCD são relatados na literatura. A prevalência dessas doenças é desconhecida, mas estima-se que 1 a cada 100.000 a 200.000 nascidos vivos sejam portadores da MoCD (Zaki et al., 2016; Bindu et al., 2017; Alonzo Martínez et al., 2020). Devido à similaridade fenotípica com outras patologias, deve ser destacado que a ISOD e a MoCD são possivelmente subdiagnosticadas (Reiss e Hahnewald, 2010; Atwal e Scaglia, 2016; Bindu et al., 2017; Durmaz e Özbakir, 2018).

I. 1.2.1. Apresentação Clínica

O MoCo é necessário para a atividade não apenas da SO, mas também da xantina oxidoredutase (XOR), da aldeído oxidase (AO) e do componente redutor da amidoxima mitocondrial (mARC1 e mARC2). Apesar de pacientes com a MoCD também apresentarem deficiência dessas três outras enzimas (Reiss e Hahnewald, 2010; Belaidi e Schwarz, 2013; Atwal e Scaglia, 2016; Schwarz, 2016; Alonzo Martínez et al., 2020), sabe-se que os sintomas observados são decorrentes da atividade deficiente da SO (Kisker et al., 1997; Edwards et al., 1999; Johnson, 2003; Schwarz, 2016), já que portadores de xantinúria tipo 1 (deficiência de XOR) ou xantinúria tipo 2 (deficiência de XOR e AO) não manifestam problemas neurológicos e são, muitas vezes, assintomáticos (Tan et al., 2005; Schwarz, 2016; Claerhout et al., 2017). Até o presente momento, também não foram descritas na literatura patologias decorrentes da deficiência isolada da AO ou do mARC (Tan et al., 2005; Claerhout et al., 2017; Alonzo Martínez et al., 2020).

Dessa forma, a ISOD e a MoCD são clinicamente indistinguíveis (Kisker et al., 1997; Reiss e Hahnewald, 2010; Belaidi e Schwarz, 2013; Belaidi et al., 2015; Atwal e Scaglia, 2016; Zaki et al., 2016), manifestando-se na maioria das vezes de forma grave e ainda no período neonatal, apesar de formas mais leves e de início tardio também já terem sido relatadas (Johnson, 2003; Hoffmann et al., 2007; Rocha et al., 2014; Relinque et al., 2015; Bindu et al., 2017; Claerhout et al., 2017; Alonzo Martínez et al., 2020; Sharawat et al., 2020). O tipo de mutação e a consequente atividade residual enzimática parecem estar associados à gravidade da doença (Claerhout et al., 2017). Os pacientes acometidos pela forma clássica (grave e precoce) da doença apresentam crises convulsivas refratárias à terapia, retardo psicomotor grave, dificuldades alimentares, face com características dismórficas, microcefalia, hipotonia axial e hipertonia periférica (Hoffmann et al., 2007; Reiss e Hahnewald, 2010; Rocha et al., 2014; Relinque et al., 2015; Schwarz, 2016; Bindu et al., 2017; Claerhout et al., 2017; Alonzo

Martínez et al., 2020; Sharawat et al., 2020). Além disso, *ectopia lentis* é comumente observada em pacientes que sobrevivem ao período neonatal (Johnson, 2003; Reiss e Hahnewald, 2010; Bindu et al., 2017; Lee et al., 2017).

I. 1.2.2. Achados Neurológicos

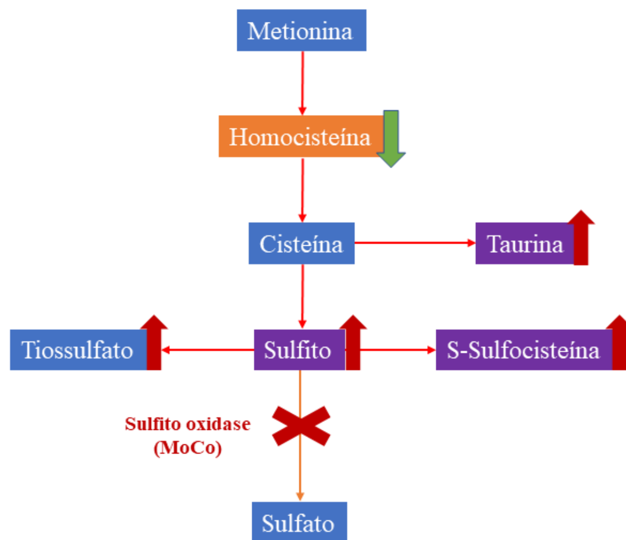
Exames de neuroimagem e neuropatológicos realizados em pacientes com a ISOD e a MoCD já evidenciaram alterações como encefalomalácia cística, atrofia cerebral e cerebelar progressiva, edema difuso, dilatação dos ventrículos, hipoplasia do corpo caloso, gânglios basais e tronco cerebral, perda neuronal massiva, desmielinização, gliose e alterações focais ou bilaterais do globo pálido e regiões subtalâmicas (Tan et al., 2005; Schwarz, 2016; Zaki et al., 2016; Bindu et al., 2017; Lee et al., 2017; Yoganathan et al., 2018).

I. 1.2.3. Achados Laboratoriais

Os indivíduos portadores da ISOD e da MoCD apresentam elevados níveis de sulfito nos tecidos e líquidos biológicos, além de níveis aumentados de tiossulfato e S-sulfocisteína, produtos da conjugação do sulfito ao sulfeto de hidrogênio (H_2S) e à cist(e)ina, respectivamente (Figura 2A) (Mills et al., 2012; Atwal e Scaglia, 2016; Zaki et al., 2016; Lee et al., 2017; Wyse et al., 2018). O sulfito é facilmente detectado na urina utilizando-se fitas indicadoras, mas por ser uma molécula muito instável, podendo ser oxidado em poucas horas, deve ser mensurado em amostra fresca a fim de evitar falsos-negativos. Resultados falsos-positivos podem ocorrer pelo aumento de ácido succínico, ácido benzoico, ácido 2-hidroxiglutárico e uracil na urina decorrentes de degradação bacteriana, pela presença de certos antibióticos (cefotaxima, cefuroxima, ampicilina e benzilpenicilina) ou por drogas que contenham grupo sulfidril alifático livre (N-acetilcisteína, mercaptamina, dimercaprol e 2-mercaptoetano sulfonato) (Hobson et al., 2005; Tan et al., 2005; Basheer et al., 2007; Reiss e Hahnewald, 2010; Sass et

al., 2010; Bindu et al., 2017; Claerhout et al., 2017; Alonzo Martínez et al., 2020). Já o tiossulfato e a S-sulfocisteína são mais estáveis e podem ser úteis para reforçar o resultado (Tan et al., 2005; Sass et al., 2010; Bindu et al., 2017). O tiossulfato pode ser determinado na urina por espectrofotometria, e a S-sulfocisteína, no plasma ou na urina, por espectrometria de massas em tandem ou cromatografia líquida de alta eficiência (CLAE) (Tan et al., 2005; Relinque et al., 2015; Bindu et al., 2017; Alonzo Martínez et al., 2020). O aumento de taurina também é observado em plasma e urina de pacientes devido ao aumento da degradação de cisteína-sulfinato (Mills et al., 2012; Claerhout et al., 2017; Wyse et al., 2018).

Por outro lado, os pacientes apresentam diminuição de cistina e homocisteína total no plasma, decorrentes da reação do sulfito a seus grupos tiois livres (Figura 2A). A homocisteína total plasmática torna-se praticamente indetectável, representando um indicador sensível e específico dessas patologias (Sass et al., 2004; Tan et al., 2005; Basheer et al., 2007; Sass et al., 2010; Bindu et al., 2011; Rocha et al., 2014; Bindu et al., 2017). Nos casos de MoCD, devido ao comprometimento da atividade da XOR, também são observados aumentos na excreção urinária de xantina e hipoxantina e diminuição de ácido úrico em plasma e urina (Figura 2B) (Tan et al., 2005; Reiss e Hahnewald, 2010; Sass et al., 2010; Atwal e Scaglia, 2016). A partir desses achados bioquímicos, a confirmação do diagnóstico é então realizada por análise mutacional e determinação da atividade da SO em cultura de fibroblastos (Sass et al., 2010; Salas e Arca, 2018; Alonzo Martínez et al., 2020).



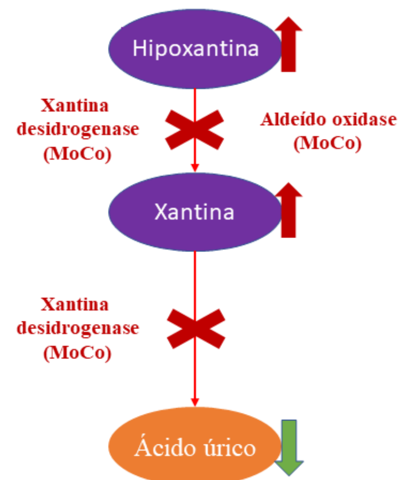


Figura 2. Vias metabólicas de enzimas dependentes do MoCo: o metabolismo de aminoácidos sulfurados (A) e o metabolismo de purinas (B) (Adaptado de Alonzo Martínez et al., 2020).

I. 1.2.4. Diagnóstico Pré-Natal

Na literatura, há poucos casos diagnosticados no período pré-natal, que geralmente ocorrem após uma primeira gravidez, quando se tem irmãos previamente afetados (Alonzo Martínez et al., 2020). A atividade da SO pode ser mensurada a partir de biópsia das vilosidades coriônicas, enquanto que o líquido amniótico pode ser usado para a dosagem de metabólitos. O diagnóstico por análise mutacional é geralmente realizado quando o gene afetado já é conhecido (Edwards et al., 1999; Johnson, 2003; Carmi-Nawi et al., 2011; Alonzo Martínez et al., 2020).

Avaliações neurológicas já mostraram o surgimento de alterações durante a gestação, indicando que a ISOD e a MoCD podem levar à interrupção do neurodesenvolvimento no feto (Carmi-Nawi et al., 2011; Lee et al., 2017). Carmi-Nawi et al. (2011) relataram dano cerebral difuso com ventriculomegalia, mega cisterna magna, disgenesia do corpo caloso, múltiplos cistos subcorticais e cerebelo hipoplásico em um feto a partir da 35ª semana de gestação. Já Alonzo Martínez et al. (2020) apresentaram exames de ultrassom de um feto a partir da 26ª

semana de gestação com mega cisterna magna, cavum vergae e dilatação ventricular, enquanto Lee et al. (2017) relataram baixa rotação e diferenciação das camadas corticais, por ressonância magnética cerebral, na 21ª semana de idade gestacional. Chen et al. (2014) também observaram achados como mega cisterna magna e leucoencefalopatia multicística em um recém-nascido com 14 horas de vida, sugerindo início pré-natal.

I. 1.2.5. Tratamento

A fim de melhorar a qualidade e perspectiva de vida dos pacientes, é feita a implementação de uma dieta com restrição de aminoácidos sulfurados que, apesar de levar à uma redução dos níveis de sulfito, promove melhora clínica especialmente em casos mais leves da doença (Reiss e Hahnewald, 2010; Rocha et al., 2014; Relinque et al., 2015; Schwarz, 2016; Bindu et al., 2017; Claerhout et al., 2017). Alguns compostos já foram testados sem sucesso clínico, como é o caso da betaína (usada para ocasionar a remetilação da homocisteína à metionina, diminuindo a formação de cisteína e sulfito) e da D-penicilamina (com o intuito de ligar sulfito a seus grupos tiois eliminando S-sulfopenicilamina), por exemplo (Tan et al., 2005; Bindu et al., 2017; Alonzo Martínez et al., 2020).

Recentemente, a terapia de reposição com piranopterina cíclica monofosfato (cPMP), intermediário da biossíntese do MoCo, tem se mostrado eficaz para pacientes com mutações em *MOCS1* (MoCD tipo A) (Figura 1), que apresentaram normalização dos índices metabólicos, melhora das convulsões e controle da deterioração neurológica. Contudo, como não há reversão dos danos cerebrais observados antes da suplementação com cPMP, o diagnóstico precoce é fundamental para um resultado favorável. Pacientes tratados precocemente podem apresentar um neurodesenvolvimento praticamente normal (Reiss e Hahnewald, 2010; Veldman et al., 2010; Schwarz, 2016; Cornet, Sands e Cilio, 2018; Alonzo Martínez et al., 2020).

Diferentemente da MoCD tipo A, a ISOD e a MoCD tipo B e C (Figura 1) não possuem um tratamento efetivo, o qual se limita apenas à restrição da dieta e ao manejo dos sintomas, com antiepilépticos para tentar controlar as convulsões e sonda de gastrostomia para facilitar a deglutição. Nestes casos, o prognóstico da doença é frequentemente ruim e os pacientes geralmente vão a óbito nos primeiros meses de vida (Sass et al., 2010; Veldman et al., 2010; Carmi-Nawi et al., 2011; Belaidi et al., 2015; Relinque et al., 2015; Atwal e Scaglia, 2016; Bindu et al., 2017; Claerhout et al., 2017).

I. 1.2.6. Fisiopatologia

Diversos estudos vêm sendo desenvolvidos para elucidar mecanismos de toxicidade do sulfito que possam levar à encefalopatia grave observada nos pacientes com deficiência da SO (Hoffmann et al., 2007; Relinque et al., 2015; Claerhout et al., 2017). Nesse sentido, já foi evidenciado que o sulfito pode se auto-oxidar na presença de metais ou sofrer oxidação enzimática por peroxidases e formar radicais de enxofre, além de ser capaz de produzir peróxido de hidrogênio (H_2O_2) e superóxido ($O_2^{\bullet-}$) diretamente (Izgüt-Uysal et al., 2005; Kocamaz et al., 2012). Um aumento da oxidação de 2′,7′- diclorofluorescina (DCFH) ocasionado pelo sulfito já foi observado em hipocampo e córtex cerebral de ratos *in vitro*, bem como o aumento de H_2O_2 em hipocampo e em mitocôndrias isoladas de cérebro (Grings et al., 2013; de Moura Alvorcem et al., 2017). Além disso, estudos já demonstraram que o sulfito induz peroxidação lipídica em cérebro, eritrócitos e plasma de ratos deficientes para a SO (Küçükatay et al., 2006; Herken et al., 2008; Ozturk et al., 2010), sendo que no plasma também foram observados aumento do estado oxidante total e diminuição do conteúdo de sulfidrilas livres (Herken et al., 2008). O aumento da peroxidação lipídica, além da diminuição da atividade da catalase (CAT) também ocorreu *in vitro* em córtex cerebral, hipocampo e estriado de ratos de 10 e 60 dias de idade (Chiarani et al., 2007). Kucukatay et al. (2007) observaram aumento da atividade de

enzimas antioxidantes em hipocampo de ratos normais após administração de sulfito, enquanto que Kocamaz et al. (2012) mostraram que o sulfito leva à perda de neurônios hipocampais tanto em ratos normais como em deficientes para a SO. Em linhagens de células neuronais (Neuro-2a e PC12) e hepáticas (HepG2 e células fetais humanas), o sulfito aumentou a produção de espécies reativas de oxigênio (EROs) e provocou depleção do ATP intracelular (Zhang et al., 2004). Já em mitocôndrias isoladas de cérebro de ratos, o sulfito diminuiu o consumo de oxigênio (O_2), a biossíntese de ATP e a atividade das enzimas glutamato desidrogenase (GDH) e malato desidrogenase (MDH) (Zhang et al., 2004; Grings et al., 2014). Além disso, Grings et al. (2014) constataram que, na presença de cálcio exógeno, o sulfito induz inchamento mitocondrial e reduz o potencial de membrana mitocondrial ($\Delta\Psi m$), a capacidade de retenção de cálcio, o conteúdo de NADPH e de citocromo c devido a abertura do poro de transição da permeabilidade mitocondrial em mitocôndrias de cérebro de ratos. Em outro trabalho, Grings et al. (2017) verificaram que o acúmulo de sulfito leva à disfunção mitocondrial, diminui as defesas antioxidantes, induz reatividade glial e dano neuronal em estriado de ratos jovens. Por fim, o sulfito também diminui a atividade da creatina cinase (CK) *in vitro* em córtex cerebral, hipocampo, cerebelo e estriado (Grings et al., 2013; de Moura Alvorcem et al., 2017) e *in vivo* em estriado de ratos jovens (Grings et al., 2017). Embora muito já se saiba a respeito da toxicidade do sulfito, é importante ressaltar que não há trabalhos na literatura visando estabelecer a fisiopatologia neonatal da deficiência da SO, período em que grande parte dos pacientes são acometidos pela doença.

I. 1.3. HOMEOSTASE REDOX

EROs compreendem um grupo de moléculas (radicais e não radicais) que derivam do O_2, abrangendo espécies iniciais formadas pela sua redução ($O_2^{\bullet-}$ e H_2O_2) e também produtos reativos secundários (Turrens, 2003; Winterbourn, 2008; Lambert e Brand, 2009; Pisoschi e

Pop, 2015). A redução do O_2 por um elétron resulta na formação de $O_2^{\bullet-}$. A principal fonte desse radical é a respiração mitocondrial, devido ao vazamento de elétrons de centros redox da cadeia transportadora de elétrons (CTE). Além disso, o $O_2^{\bullet-}$ também pode ser gerado por enzimas como NADPH oxidases, oxigenases dependentes de citocromo P450, ciclooxigenases e xantina oxidases, bem como pela redução direta do O_2 por coenzimas e xenobióticos reduzidos, por exemplo.

A formação desse radical pode mediar reações oxidativas em cadeia. O $O_2^{\bullet-}$ pode sofrer dismutação e gerar H_2O_2, o qual também pode ser formado diretamente a partir da transferência de dois elétrons para o O_2 por urato oxidases, glicose oxidases e D-aminoácido oxidases. O H_2O_2 pode reagir com metais de transição reduzidos e levar à formação do radical hidroxila ($OH^{\bullet}$) (Turrens, 2003; Pisoschi e Pop, 2015) ou ser convertido por peroxidases e resultar na formação de ácido hipocloroso (HOCl), oxigênio *singlet* ($^1O_2$) e outras espécies (Winterbourn, 2008; Brieger et al., 2012).

O $O_2^{\bullet-}$ também pode reagir com o óxido nítrico ($NO^{\bullet}$) e gerar peroxinitrito ($ONOO^-$) (espécie reativa de nitrogênio - ERN). As ERNs são derivadas de $NO^{\bullet}$, gerado a partir de L-arginina pela óxido nítrico sintase ou através da redução de nitrato inorgânico (Turrens, 2003; Winterbourn, 2008; Pisoschi e Pop, 2015).

As espécies reativas são continuamente produzidas pelo organismo como resultado do metabolismo celular normal. Em níveis baixos e regulados, desempenham funções fisiológicas essenciais, estando envolvidas tanto na sinalização celular (proliferação, diferenciação, crescimento, sobrevivência, apoptose, etc.) como em processos biossintéticos (produção de hormônio tireoidiano, por exemplo). Além disso, também são importantes na defesa do hospedeiro contra microrganismos. No entanto, em altas concentrações podem causar dano oxidativo e nitrosativo a biomoléculas, como ácidos nucleicos, proteínas, carboidratos e

lipídeos (Turrens, 2003; Winterbourn, 2008; Lambert e Brand, 2009; Birben et al., 2012; Brieger et al., 2012; Atashi, Modarressi e Pepper, 2015).

A regulação do estado redox ocorre pelo equilíbrio entre a geração de espécies reativas e sua neutralização por sistemas antioxidantes (Atashi, Modarressi e Pepper, 2015). Os sistemas de defesa antioxidantes podem tanto impedir a produção como bloquear espécies reativas já formadas por meio de processos enzimáticos e não-enzimáticos. Além disso, também estão envolvidos no reparo de biomoléculas danificadas (Sies, 1997; Winterbourn, 2008; Pisoschi e Pop, 2015). Certas condições patológicas podem levar ao desequilíbrio entre produção e remoção de espécies reativas, seja pelo aumento da produção ou pela diminuição da capacidade antioxidante, causando estresse oxidativo e podendo acarretar em morte celular por apoptose (Turrens, 2003; Lambert e Brand, 2009; Ray, Huang e Tsuji, 2012; Pisoschi e Pop, 2015).

I. 1.4. METABOLISMO ENERGÉTICO CEREBRAL

O cérebro possui alta demanda metabólica para exercer suas funções e requer um influxo contínuo de substratos sanguíneos, já que apresenta baixa capacidade de reserva energética (Bélanger, Allaman e Magistretti, 2011; Camandola e Mattson, 2017). Em condições normais, a glicose é o principal substrato para o cérebro adulto. No entanto, durante o período neonatal, devido ao alto consumo de gordura durante a lactação, os corpos cetônicos também são usados como fonte energética (Brekke, Morken e Sonnewald, 2015; Magistretti e Allaman, 2015). Transportadores de monocarboxilato (MCTs), que promovem a entrada de corpos cetônicos no cérebro, são muito mais abundantes durante o desenvolvimento, uma vez que esses nutrientes podem fornecer de 30 a 70% da energia necessária nesse período (Brekke, Morken e Sonnewald, 2015; Camandola e Mattson, 2017).

Apesar de o cérebro possuir outras fontes de energia, a glicose é indispensável para a síntese de nucleotídeos e produção de NADPH através da via das pentoses fosfato. O

equivalente redutor NADPH é usado tanto para a síntese lipídica como para manter as defesas antioxidantes cerebrais, regenerando glutationa reduzida (GSH) (Brekke, Morken e Sonnewald, 2015; Camandola e Mattson, 2017). A via das pentoses fosfato representa de 5 a 15% do metabolismo da glicose no cérebro de ratos de 7 dias e essa porcentagem é ainda mais significativa em recém-nascidos (Brekke, Morken e Sonnewald, 2015).

O ciclo do ácido cítrico (CAC) é a via final comum da oxidação de aminoácidos, triacilgliceróis, carboidratos e corpos cetônicos. Esse processo ocorre na matriz mitocondrial e produz, dentre outras moléculas, coenzimas reduzidas (NADH e $FADH_2$) que doam elétrons para complexos da CTE incorporados na membrana mitocondrial interna (MMI). A transferência de elétrons entre os complexos, com o consumo de O_2, permite a formação de um gradiente eletroquímico de prótons que impulsiona a síntese de ATP pela ATP sintase (Akram, 2013; Nelson e Cox, 2017; Van der Bliek, Sedensky e Morgan, 2017). O acoplamento entre a CTE e a fosforilação oxidativa gera grande parte do ATP necessário para o cérebro (Erecińska e Silver, 1994; Nelson e Cox, 2017).

I. 1.4.1. Creatina cinase (CK)

A CK está presente em tecidos com alta demanda energética, como o cérebro, e catalisa a transferência reversível de um fosfato do ATP para a creatina, produzindo ADP e fosfocreatina (Wendt, Schlattner e Wallimann, 2002). Essa enzima apresenta diferentes isoformas, três citosólicas e duas mitocondriais (Wang et al., 2001; Wallimann, Tokarska-Schlattner e Schlattner, 2011), sendo que, nos tecidos, uma isoforma citosólica é sempre co-expressada com uma isoforma mitocondrial. Assim, a CK participa da homeostase energética celular, podendo regenerar ATP prontamente e transportar energia intracelular de sítios de produção de ATP (fosforilação oxidativa mitocondrial) para sítios de consumo (por proteínas

motoras, bomba de íons, etc.) (Wendt, Schlattner e Wallimann, 2002; Wallimann, Tokarska-Schlattner e Schlattner, 2011; Schlattner et al., 2016).

I. 1.5. DINÂMICA MITOCONDRIAL E MITOFAGIA

As mitocôndrias são organelas altamente dinâmicas, capazes de se fragmentar e de formar redes hipertubulares através de processos de fissão e fusão, respectivamente, para atender as necessidades metabólicas das células (Bertholet et al., 2016; Lee e Yoon, 2016; Wai e Langer, 2016; Yoo e Jung, 2018). A morfologia das mitocôndrias está diretamente associada às suas funções: produção de ATP, biossíntese de esteroides, regulação da morte celular programada, homeostase do cálcio, geração e controle de EROs, dentre outras (Lee e Yoon, 2016; Wai e Langer, 2016). Enquanto redes mitocondriais parecem ser mais eficientes na geração de ATP, a fragmentação mitocondrial pode permitir a distribuição de mitocôndrias na célula antes da divisão celular, facilitar a apoptose através da liberação de citocromo *c* e isolar mitocôndrias disfuncionais para posterior eliminação via mitofagia. Por outro lado, uma mitocôndria danificada também pode ser recuperada através da fusão com uma mitocôndria viável, tendo seus componentes danificados ou mtDNA mutado compensados por componentes funcionais (Bertholet et al., 2016; Wai e Langer, 2016; Meyer, Leuthner e Luz, 2017).

As principais proteínas envolvidas nos processos de dinâmica mitocondrial são GTPases da família da dinamina. A proteína relacionada à dinamina 1 (DRP1) medeia a fissão mitocondrial ao ser recrutada do citosol para a superfície mitocondrial, onde se oligomeriza formando anéis de constrição em locais de divisão. Já as mitofusinas, em suas duas isoformas (MFN1 e MFN2), encontram-se ancoradas à membrana mitocondrial externa (MME) e realizam a fusão destas membranas por meio de interações homo (MFN1-MFN1 e MFN2-MFN2) ou heterotípicas (MFN1-MFN2). A proteína atrófica óptica 1 (OPA1), por sua vez,

realiza a fusão da MMI (Chan, 2012; Lee e Yoon, 2016; Pernas e Scorrano, 2016; Wai e Langer, 2016).

Assim como a fissão e a fusão, a mitofagia também age para manter a homeostase mitocondrial e celular (Vásquez-Trincado et al., 2016). Esse processo tem um importante papel no controle de qualidade mitocondrial, sendo responsável pelo reconhecimento e remoção de mitocôndrias danificadas (Um e Yun, 2017; Guan et al., 2018; Yoo e Jung, 2018). Uma das vias de reconhecimento de mitocôndrias danificadas para posterior degradação é a da cinase 1 induzida por PTEN (PINK1) - Parkin.

Em condições normais, a PINK1 é direcionada para as mitocôndrias, onde é rapidamente degradada por peptidases e proteases. Todavia, a despolarização da membrana mitocondrial que ocorre em mitocôndrias danificadas impede a importação de PINK1 através da MMI, levando ao seu acúmulo na MME e consequente recrutamento de Parkin do citosol. A PINK1 ativa então a Parkin por fosforilação, a qual ubiquitina proteínas mitocondriais, promovendo a degradação proteossomal e o recrutamento de receptores de autofagia que direcionam as mitocôndrias danificadas para os fagóforos (Ashrafi e Schwarz, 2012; Durcan e Fon, 2015; Vásquez-Trincado et al., 2016; Um e Yun, 2017; Yoo e Jung, 2018). O fagóforo envolve a organela formando uma estrutura de membrana dupla, chamada autofagossomo. Por fim, o autofagossomo se funde ao lisossomo para formar um autolisossomo, onde ocorre a degradação hidrolítica do conteúdo do autofagossomo (Ashrafi e Schwarz, 2012; Vásquez-Trincado et al., 2016; Um e Yun, 2017; Guan et al., 2018).

I. 1.6. PROTEÍNAS CINASES ATIVADAS POR MITÓGENOS (MAPKs)

As MAPKs compreendem uma família de serina/treonina cinases que, frente a diversos estímulos extracelulares, são ativadas por uma cascata fosforilativa de transdução de sinal e passam a fosforilar alvos específicos (fatores de transcrição, fosfolipases, proteínas associadas

a microtúbulos - MAPs, proteínas pró e anti-apoptóticas, etc.), levando a uma resposta adaptativa celular (Chico, Van Eldik e Watterson, 2009; Danquah et al., 2014; Kim e Choi, 2015; Sun e Nan, 2016). Elas estão envolvidas em diversos processos celulares como proliferação, diferenciação, sobrevivência, apoptose, inflamação e imunidade inata (Kim e Choi, 2015). Três subfamílias de MAPKs são mais estudadas: a cinase regulada por sinalização extracelular 1/2 (ERK1/2), a cinase C-Jun N-terminal (JNK) e a cinase p38 (Sun e Nan, 2016; Du et al., 2019). Enquanto a via de sinalização da ERK 1/2 vem sendo principalmente relacionada à proliferação e diferenciação celular, as vias da p38 e da JNK são principalmente relacionadas ao estresse e à apoptose celular (Du et al., 2019; Guo et al., 2020).

I. 1.7. PROTEÍNA TAU

A Tau é uma fosfoproteína pertencente à família de MAPs, expressa principalmente em neurônios. Está envolvida na montagem e estabilização dos microtúbulos, constituintes do citoesqueleto que são fundamentais para a manutenção da forma celular, mitose e transporte axonal. Além disso, a Tau também promove ligações entre microtúbulos e outros elementos do citoesqueleto, organelas e membrana plasmática. A interação da Tau com os microtúbulos é altamente dinâmica e regulada negativamente por fosforilação. Alterações na quantidade ou na estrutura dessa proteína podem afetar a organização celular e provocar danos patológicos (Buée et al., 2000; Avila et al., 2004; Mandelkow e Mandelkow, 2012; Ferrari e Rüdiger, 2018; Goedert, 2018).

I. 2. OBJETIVOS

I. 2.1. OBJETIVO GERAL

Visando contribuir para o esclarecimento dos mecanismos neurotóxicos do sulfito na ISOD e na MoCD, o objetivo deste trabalho foi investigar os efeitos *in vivo* desse metabólito sobre a homeostase redox e mitocondrial e sobre proteínas de sinalização celular em córtex cerebral de ratos neonatos (1 dia de vida), bem como os efeitos *in vitro* sobre a homeostase redox, metabolismo energético e viabilidade celular em culturas primárias de astrócitos corticais.

I. 2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Foram avaliados os efeitos do sulfito em córtex cerebral de ratos neonatos sobre:

a) Os níveis de GSH e atividade das enzimas antioxidantes superóxido dismutase (SOD), glutationa peroxidase (GPx), glutationa S-transferase (GST), glicose-6-fosfato desidrogenase (G6PDH) e glutationa redutase (GR);

b) A atividade da CK, de enzimas do CAC (citrato sintase – CS, succinato desidrogenase - SDH e MDH) e dos complexos II, II-III e IV da CTE;

c) O imunoconteúdo de heme oxigenase-1 (HO-1), MFN1, DRP1 e PINK1;

d) O imunoconteúdo e grau de fosforilação de ERK1/2, p38, JNK e Tau;

Também foram estudados os efeitos do sulfito sobre a oxidação de DCFH, a concentração de lactato extracelular e a redução de brometo de metiltiazolildifenil-tetrazólio (MTT) em culturas primárias de astrócitos corticais.

PARTE II

II. CAPÍTULO I

High levels of sulfite induce bioenergetic impairment and redox imbalance in brain of neonatal rats and primary astrocytes

Júlia Pramio, Mateus Grings, Amanda Gasparin da Rosa, Rafael Teixeira Ribeiro, Larissa Daniele Bobermin, Angela T.S. Wyse, André Quincozes-Santos, Moacir Wajner, Guilhian Leipnitz

Artigo científico a ser submetido para publicação no periódico Molecular Neurobiology

PARTE III

III.1. DISCUSSÃO

A ISOD e a MoCD são doenças metabólicas hereditárias que afetam principalmente o sistema nervoso central (SNC) (Tan et al., 2005; Relinque et al., 2015; Atwal e Scaglia, 2016; Schwarz, 2016; Durmaz e Özbakir, 2018). Geralmente se manifestam de forma grave e precoce, com crises convulsivas intratáveis logo nas primeiras horas ou dias de vida e encefalopatia de rápida progressão (Johnson, 2003; Basheer et al., 2007; Rocha et al., 2014; Bindu et al., 2017; Cornet, Sands e Cilio, 2018; Durmaz e Özbakir, 2018). Exames neurológicos em pacientes evidenciam alterações em diferentes regiões cerebrais, incluindo anormalidades corticais como lesões císticas, aumento dos sulcos decorrente de atrofia, edema, perda neuronal massiva e gliose (Rocha et al., 2014; Zaki et al., 2016; Bindu et al., 2017; Lee et al., 2017; Cornet, Sands e Cilio, 2018; Durmaz e Özbakir, 2018; Alonzo Martínez et al., 2020).

Essas doenças são raras e pouco diagnosticadas, o que contribui para a dificuldade no entendimento de seus mecanismos fisiopatológicos (Bindu et al., 2017; Durmaz e Özbakir, 2018; Alonzo Martínez et al., 2020). Contudo, diversos estudos apontam para uma ação neurotóxica do sulfito (Zhang et al., 2004; Chiarani et al., 2007; Kocamaz et al.; 2012; Grings et al., 2013; Grings et al., 2014; Relinque et al., 2015; de Moura Alvorcem et al., 2017; Grings et al., 2017). No entanto, embora a maioria dos pacientes apresente os sintomas neurológicos graves logo após o nascimento, até onde sabemos, não foram realizados estudos com o objetivo de elucidar os patomecanismos nesse período da vida. Desse modo, no presente trabalho, avaliamos primeiramente os efeitos da administração de sulfito sobre a homeostase redox e mitocondrial, bem como sobre proteínas de sinalização celular em córtex cerebral de ratos neonatos. O córtex, por apresentar maior expressão de SO do que outras regiões cerebrais, pode desempenhar um papel crítico no metabolismo de sulfito cerebral e, consequentemente, ser mais suscetível ao seu acúmulo (Woo et al., 2003; Tan et al., 2005).

Inicialmente, observamos que o sulfito diminuiu a concentração de GSH cortical, o tiol de baixo peso molecular mais abundante nas células. Devido ao seu resíduo de cisteína, a GSH é prontamente oxidada por substâncias eletrofílicas, sendo considerada a principal defesa antioxidante do cérebro (Wu et al., 2004; Forman, Zhang e Rinna, 2009; Bélanger, Allaman e Magistretti, 2011; Schwarz, 2016). Dessa forma, uma diminuição de seus níveis pode indicar uma inabilidade do córtex cerebral para combater o aumento de espécies reativas induzido pelo sulfito (Izgüt-Uysal et al., 2005; Kocamaz et al., 2012; Grings et al., 2013; de Moura Alvorcem et al., 2017). Além disso, a formação de S-sulfocisteína a partir de sulfito poderia estar diminuindo a disponibilidade de cistina e impactando a síntese de GSH, exacerbando o desequilíbrio redox (Schwarz, 2016). Nosso achado corrobora com outros estudos *in vivo* em cérebro de ratos, onde o sulfito diminuiu os níveis de GSH em córtex cerebral de ratos deficientes para SO (Grings et al., 2016) e em estriado de ratos normais (Grings et al., 2017).

Em seguida, ao avaliarmos a atividade das enzimas antioxidantes, verificamos que o sulfito diminuiu a atividade da GST, enzima que catalisa a conjugação de compostos eletrofílicos, como peróxidos orgânicos, à GSH (Lu, 2013; Espinosa-Diez et al., 2015; Ruszkiewicz e Albrecht, 2015). Levando em consideração que, além de atuar na remoção de espécies reativas de forma direta, a GSH também serve como substrato para a GST (Bélanger, Allaman e Magistretti, 2011), a diminuição de seus níveis induzida por sulfito poderia contribuir ainda mais para a diminuição observada na atividade dessa enzima. Nesse sentido, Shen et al. (1993) demonstraram que o H_2O_2 pode reagir com resíduos de cisteína da GST, levando à modificação de sua estrutura e consequente inativação, ao passo que, Grings et al. (2013) e de Moura Alvorcem et al. (2017) evidenciaram que o sulfito induz a geração dessa ERO. Por outro lado, o sulfito poderia estar ocasionando a lise de glutationa oxidada (GSSG), que resulta na formação de glutationa S-sulfonato, um potente inibidor da atividade desta enzima (Menzel, Keller e Leung, 1986). Uma diminuição na atividade da GST pelo sulfito

também foi evidenciada *in vivo* em estriado de ratos normais (Grings et al., 2017) e em córtex e cerebelo de ratos deficientes para a SO (Grings et al., 2016), bem como *in vitro* em diversas estruturas cerebrais de ratos (Parmeggiani et al., 2015; de Moura Alvorcem et al., 2017). Por outro lado, a atividade das enzimas SOD, GPx, G6PDH e GR não foram alteradas no nosso modelo.

A HO-1 é considerada uma defesa antioxidante pois, ao degradar heme livre, impede que ele participe de reações pró-oxidantes. Assim, por gerar EROs, o heme livre é potencialmente tóxico e sua concentração deve ser controlada para a manutenção da homeostase celular. A HO-1 é a isoforma induzível da enzima, que responde a estímulos relacionados ao estresse. Além do heme, seu indutor prototípico, a HO-1 também é estimulada por oxidantes, mediadores inflamatórios, metais pesados, radiação UV, endotoxinas, hormônios, entre outros. O heme é um complexo formado por ferro e protoporfirina IX que serve como grupo prostético para diversas hemoproteínas (hemoglobina, mioglobina, citocromos, CAT, GPx, óxido nítrico sintases, etc.) (Choi e Alam, 1996; Ryter e Tyrrell, 2000; Chiang, Chen e Chang, 2018; Szabo et al., 2018; Vijayan, Wagener e Immenschuh, 2018). Dessa forma, sabendo que o aumento de grupamentos heme livres pode ocorrer pelo ataque oxidativo à estrutura de hemoproteínas (Ryter e Tyrrell, 2000), acreditamos que o aumento no conteúdo de HO-1 induzido pelo sulfito nesse estudo possa representar uma estratégia de citoproteção como consequência do desequilíbrio redox gerado por esse metabólito.

Considerando que a SO é uma enzima mitocondrial, pode-se presumir que sua deficiência gere altos níveis de sulfito nessa organela (Rupar et al., 1996). Logo, avaliamos os efeitos desse composto sobre a atividade de enzimas do CAC e complexos da cadeia respiratória, a principal maquinaria energética da célula. Observamos que o sulfito diminuiu a atividade da SDH e dos complexos II e II-III da CTE. Esses resultados indicam um possível prejuízo mitocondrial na produção de coenzimas reduzidas e na transferência de elétrons através

da cadeia respiratória, que poderiam estar acarretando em redução do $\Delta\Psi m$, do consumo de O_2 e da produção de ATP, observados em outros estudos (Zhang et al., 2004; Grings et al., 2014; Grings et al., 2019). De acordo com isso, um aumento do metabolismo glicolítico como mecanismo compensatório da disfunção mitocondrial poderia explicar o aumento de lactato observado em pacientes com a deficiência da SO (Teksam, Yurdakok e Coskun, 2005; Basheer et al., 2007; Holder et al., 2014; Lee et al., 2017; Alonzo Martínez et al., 2020). As atividades da CS, MDH e do complexo IV não foram modificadas nesse estudo.

Outro componente importante para a homeostase energética celular é a atividade da CK. Foi demonstrado que o sulfito diminuiu essa atividade enzimática, o que também já havia sido observado *in vitro* em diversas estruturas cerebrais (Grings et al., 2013; de Moura Alvorcem et al., 2017) e *in vivo* em estriado de ratos (Grings et al., 2017), indicando que esse metabólito prejudica a transferência e o tamponamento de ATP celular. Acreditamos que a produção de espécies reativas desencadeada pelo sulfito possa estar contribuindo para a oxidação de resíduos de aminoácidos da CK, como a cisteína do sítio ativo da enzima, que é bastante vulnerável a oxidantes (Wendt, Schlattner e Wallimann, 2002; Li et al., 2011).

O comprometimento da fosforilação oxidativa e a produção de EROs vem sendo associados a alterações na dinâmica mitocondrial. Tanto um prejuízo no processo de fusão como um aumento na taxa de fissão favorecem a fragmentação da rede mitocondrial. A fragmentação mitocondrial, dentre outras funções, facilita a remoção de mitocôndrias danificadas, isolando-as para posterior depuração autofágica (mitofagia) (Wai e Langer, 2016; Sprenger e Langer, 2019). Nesse sentido, considerando o distúrbio energético e redox ocasionado pelo sulfito, decidimos avaliar o imunoconteúdo de proteínas relacionadas à dinâmica mitocondrial (MFN1 e DRP1) e mitofagia (PINK1), porém não observamos alterações. Apesar disso, experimentos anteriores realizados em fibroblastos de um paciente com a MoCD constataram a diminuição de MFN1 e MFN2 e o aumento de DRP1 (Grings et

al., 2019), mostrando o envolvimento desses mecanismos na doença. Desse modo, acreditamos que o fato de não termos observado nenhuma alteração nesses parâmetros possa estar relacionado à janela temporal avaliada no nosso modelo. Pretendemos dar seguimento a esses estudos, verificando o conteúdo dessas proteínas em diferentes tempos de exposição ao sulfito.

Alterações nas vias das MAPKs têm sido relacionadas à patogênese de diversas doenças, uma vez que estas cinases respondem à uma grande variedade de estímulos como neurotransmissores, hormônios, fatores de crescimento, fatores inflamatórios e condições de estresse, estando envolvidas na regulação de muitas funções celulares (Kim e Choi, 2015; Sun e Nan, 2016). Nesse sentido, buscamos elucidar se o sulfito altera a sinalização das MAPKs, determinando o imunoconteúdo e grau de fosforilação de ERK1/2, p38 e JNK. Nossos dados mostram que a administração de sulfito induziu o aumento do imunoconteúdo de ERK1/2 e p38, possivelmente por aumentar a expressão gênica dessas proteínas. Apesar disso, não observamos uma maior atividade nem de ERK1/2 nem de p38, pois a fosforilação de ambas não foi alterada. Especulamos que a maior expressão de MAPK fosfatases (MKPs) ou a inibição de cinases relacionadas a essas vias possam estar mantendo a fosforilação dessas proteínas normais.

Exames neurológicos de pacientes com a ISOD e a MoCD revelam, dentre outros achados, perda neuronal massiva (Hobson et al., 2005; Bindu et al., 2011; Carmi-Nawi et al., 2011; Lee et al., 2017) e estudos em modelos animais mostram que o sulfito leva à perda de neurônios em estriado e hipocampo de ratos (Kocamaz et al., 2012; Grings et al., 2017). Devido ao envolvimento da Tau com o dano neuronal em diversas doenças neurodegenerativas (Buée et al., 2000; Avila et al., 2004; Ferrari e Rüdiger, 2018) , buscamos verificar se alterações nessa proteína poderiam estar relacionadas com a morte neuronal observada em córtex cerebral de pacientes afetados pela ISOD e MoCD (Rupar et al., 1996; Lee et al., 2017). Contudo, ao determinarmos seu imunoconteúdo e grau de fosforilação, não vimos mudanças significativas.

Apesar de a Tau não ter sido modificada pelo sulfito, outros marcadores de dano neuronal, tais como marcação da proteína nuclear específica de neurônios (NeuN), conteúdo de sinaptofisina e de caspases, além de experimentos em culturas primárias de neurônios, devem ainda ser realizados.

Os astrócitos são células gliais importantes para o metabolismo energético, defesa antioxidante, resposta inflamatória, homeostase de íons, excitabilidade neuronal, plasticidade sináptica, dentre outras funções no SNC (Bélanger, Allaman e Magistretti, 2011; Sun et al., 2017). Visto que indivíduos com deficiência da SO também apresentam gliose (Zaki et al., 2016; Lee et al., 2017; Durmaz e Özbakir, 2018) e a fim de melhor avaliar os efeitos do sulfito sobre a homeostase redox e energética cerebral, submetemos culturas primárias de astrócitos corticais a incubações de 6 e 24 h com sulfito (100, 500 ou 1.000 µM) e investigamos a oxidação de DCFH, os níveis de lactato extracelular e a redução de MTT.

Primeiramente, observamos que o sulfito, na concentração de 1.000 µM, aumentou a geração de EROs após 6 h de exposição. No cérebro, os astrócitos apresentam uma capacidade antioxidante significativamente maior em relação aos neurônios, apesar de ser nos neurônios que ocorra grande parte do metabolismo oxidativo cerebral, que é uma importante fonte de EROs (Bélanger, Allaman e Magistretti, 2011). Sabendo que astrócitos são mais resistentes ao dano celular por pró-oxidantes (Bélanger, Allaman e Magistretti, 2011), nosso achado sugere que o sulfito é altamente tóxico para o córtex cerebral. Avaliamos ainda a oxidação de DCFH em um período maior de incubação (24 h), porém não observamos mais alterações, o que pode ter ocorrido devido à metabolização do sulfito ou à indução de genes antioxidantes nos astrócitos.

Em seguida, observamos que o sulfito (1.000 µM) aumentou a liberação de lactato após 24 h de exposição, ou seja, acelerou o metabolismo glicolítico astrocitário. Em condições fisiológicas, devido aos padrões de expressão gênica, os astrócitos apresentam um perfil

predominantemente glicolítico e grande parte da glicose utilizada por essas células é liberada no espaço extracelular na forma de lactato. Por outro lado, os neurônios têm um metabolismo predominantemente oxidativo e usam o lactato para suprir suas necessidades energéticas, alimentando o CAC e a CTE, levando à produção de ATP via fosforilação oxidativa. Além de atender as demandas energéticas neuronais, visto a complementariedade metabólica existente entre astrócitos e neurônios, o lactato também age como uma molécula sinalizadora, sendo capaz de modular processos como excitabilidade e plasticidade neuronal e neuroproteção. É importante ressaltar ainda que, apesar do metabolismo glicolítico predominar em astrócitos, eles também são capazes de oxidar totalmente a glicose, do mesmo modo que neurônios também realizam glicólise, porém em um grau menor (Bélanger, Allaman e Magistretti, 2011; Magistretti e Allaman, 2015; Magistretti e Allaman, 2018). Nesse sentido, acreditamos que o aumento nos níveis de lactato astrocitário possa ser reflexo do prejuízo que o sulfito exerce no metabolismo mitocondrial, como previamente demonstrado neste trabalho.

Quanto à redução de MTT, não foram vistas alterações após 24 h de exposição, indicando que o sulfito não altera a viabilidade celular de astrócitos corticais. Do mesmo modo, Parmeggiani et al. (2015) também não observaram alterações na redução de MTT em fatias de córtex cerebral após 1 h de incubação com sulfito.

Se analisados em conjunto os resultados *in vivo* e *in vitro* desse trabalho, pode-se concluir que eles são complementares. Enquanto verificamos que o sulfito alterou as defesas antioxidantes *in vivo*, o aumento da geração de EROs foi demonstrado *in vitro*. Do mesmo modo, a inibição da atividade de enzimas do metabolismo oxidativo *in vivo* corrobora com a aceleração do metabolismo glicolítico *in vitro*. Esses achados indicam que o sulfito causa um desequilíbrio redox e energético, o que pode estar contribuindo para as anormalidades corticais observadas em recém-nascidos com deficiência da SO.

III.2. CONCLUSÕES

- O sulfito diminuiu os níveis de GSH e a atividade da enzima GST, mas aumentou o imunoconteúdo de HO-1, indicando alteração nas defesas antioxidantes em córtex cerebral de ratos neonatos;
- O sulfito diminuiu a atividade da enzima SDH e dos complexos II e II-III da CTE, indicando que prejudica a produção mitocondrial de coenzimas reduzidas e a transferência de elétrons através da CTE em córtex cerebral de ratos neonatos;
- O sulfito diminuiu a atividade da enzima CK, sugerindo um dano na transferência e no tamponamento de ATP celular em córtex cerebral de ratos neonatos;
- O sulfito aumentou o imunoconteúdo de ERK 1/2 e p38, indicando que induz maior expressão gênica dessas proteínas em córtex cerebral de ratos neonatos;
- O sulfito, na concentração de 1.000 μM, aumentou a oxidação de DCFH em cultura primária de astrócitos corticais após 6 h de incubação, indicativo de aumento na produção de EROs;
- O sulfito, na concentração de 1.000 μM, aumentou os níveis de lactato extracelular em cultura primária de astrócitos corticais após 24 h de incubação, indicando indução do metabolismo glicolítico astrocitário;
- Nossos dados indicam que alterações na homeostase redox e energética estão envolvidas na disfunção neurológica encontrada no período neonatal em doenças com acúmulo de sulfito.

III.3. PERSPECTIVAS

- Avaliar o conteúdo de MFN1, DRP1 e PINK1, bem como de outras proteínas envolvidas na dinâmica mitocondrial e mitofagia em diferentes tempos de exposição dos animais neonatos ao sulfito administrado por via icv;
- Avaliar os efeitos da injeção icv de sulfito sobre a marcação de NeuN e o conteúdo de sinaptofisina e de caspases em ratos neonatos;
- Avaliar os efeitos *in vitro* do sulfito sobre a homeostase redox e energética em culturas de neurônios;
- Avaliar os efeitos da injeção icv de sulfito sobre a marcação da proteína glial fibrilar ácida (GFAP) e da molécula adaptadora de ligação ao cálcio ionizado 1 (Iba1) em ratos neonatos;
- Avaliar os efeitos da injeção icv de tiossulfato sobre a homeostase redox e mitocondrial e sobre a via das MAPKs em ratos neonatos;
- Avaliar os efeitos *in vitro* do tiossulfato sobre a homeostase redox e energética em culturas de astrócitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKRAM, M. Citric acid cycle and role of its intermediates in metabolism. **Cell Biochemistry And Biophysics**, v. 68, n. 3, p. 475-478, 2013.

ALONZO MARTÍNEZ, MC; CAZORLA, E; CÁNOVAS, E; ANNIUK, K; CORES, AE; SERRANO AM. Molybdenum cofactor deficiency: mega cisterna magna in two consecutive pregnancies and review of the literature. **The Application Of Clinical Genetics**, v. 13, p. 49-55, 2020.

ARICAN, P; GENCPINAR, P; KIRBIYIK, O; BOZKAYA YILMAZ, S; ERSEN, A; OZTEKIN, O; OLGAC DUNDAR, N. The clinical and molecular characteristics of molybdenum cofactor deficiency due to MOCS2 mutations. **Pediatric Neurology**, v. 99, p. 55–59, 2019.

ASHRAFI, G; SCHWARZ, TL. The pathways of mitophagy for quality control and clearance of mitochondria. **Cell Death & Differentiation**, v. 20, p. 31-42, 2012.

ATASHI, F; MODARRESSI, A; PEPPER, MS. The role of reactive oxygen species in mesenchymal stem cell adipogenic and osteogenic differentiation: a review. **Stem Cells And Development**, v. 24, n. 10, p. 1150-1163, 2015.

ATWAL, PS; SCAGLIA, F. Molybdenum cofactor deficiency. **Molecular Genetics And Metabolism**, v. 117, n. 1, p. 1-4, 2016.

AVILA, J; LUCAS, JJ; PEREZ, M; HERNANDEZ, F. Role of tau protein in both physiological and pathological conditions. **Physiological Reviews**, v. 84, n. 2, p. 361-384, 2004.

BASHEER, SN; WATERS, PJ; LAM, CW; ACQUAVIVA-BOURDAIN, C; HENDSON, G; POSKITT, K; HUKIN, J. Isolated sulfite oxidase deficiency in the newborn: lactic acidaemia and leukoencephalopathy. **Neuropediatrics**, v. 38, n. 1, p. 38-41, 2007.

BAYRAM, E; TOPCU, Y; KARAKAYA, P; YIS, U; CAKMAKCI, H; ICHIDA, K; KURUL, SH. Molybdenum cofactor deficiency: review of 12 cases (MoCD and review). **European Journal Of Paediatric Neurology**, v. 17, n. 1, p. 1–6, 2013.

BELAIDI, AA; SCHWARZ, G. Molybdenum cofactor deficiency: metabolic link between taurine and s-sulfocysteine. **Advances In Experimental Medicine And Biology**, v. 776, p. 13-19, 2013.

BELAIDI, AA; RÖPER, J; ARJUNE, S; KRIZOWSKI, S; TRIFUNOVIC, A; SCHWARZ, G. Oxygen reactivity of mammalian sulfite oxidase provides a concept for the treatment of sulfite oxidase deficiency. **Biochemical Journal**, v. 469, n. 2, p. 211-221, 2015.

BÉLANGER, M; ALLAMAN, I; MAGISTRETTI, PJ. Brain energy metabolism: focus on astrocyte-neuron metabolic cooperation. **Cell Metabolism**, v. 14, n. 6, p. 724-738, 2011.

BENDER, D; KACZMAREK, AT; SANTAMARIA-ARAUJO, JA; STUEVE, B; WALTZ, S; BARTSCH, D; KURIAN, L; CIRAK, S; SCHWARZ, G. Impaired mitochondrial maturation of sulfite oxidase in a patient with severe sulfite oxidase deficiency. **Human Molecular Genetics**, v. 28, n. 17, p. 2885-2899, 2019.

BERTHOLET, AM; DELERUE, T; MILLET, AM; MOULIS, MF; DAVID, C; DALOYAU, M; ARNAUNÉ-PELLOQUIN, L; DAVEZAC, N; MILS, V; MIQUEL, MC; ROJO, M; BELENGUER, P. Mitochondrial fusion/fission dynamics in neurodegeneration and neuronal plasticity. **Neurobiology Of Disease**, v. 90, p. 3-19, 2016.

BINDU, PS; CHRISTOPHER, R; MAHADEVAN, A; BHARATH, RD. Clinical and imaging observations in isolated sulfite oxidase deficiency. **Journal Of Child Neurology**, v. 26, n. 8, p. 1036-1040, 2011.

BINDU PS; NAGAPPA M; BHARATH RD; TALY AB. Isolated sulfite oxidase deficiency. In: Adam MP, Ardinger HH, Pagon RA, Wallace SE, Bean LJH, Stephens K, Amemiya A, eds. **GeneReviews®**. Seattle (WA): University of Washington, Seattle; 2017.

BIRBEN, E; SAHINER, UM; SACKESEN, C; ERZURUM, S; KALAYCI, O. Oxidative stress and antioxidant defense. **World Allergy Organization Journal**, v. 5, n. 1, p. 9-19, 2012.

BREKKE, E; MORKEN, TS; SONNEWALD, U. Glucose metabolism and astrocyte–neuron interactions in the neonatal brain. **Neurochemistry International**, v. 82, p. 33-41, 2015.

BRIEGER, K; SCHIAVONE, S; MILLER JR, FJ.; KRAUSE, KH. Reactive oxygen species: from health to disease. **Swiss Medical Weekly**, v. 142, p. w13659, 2012.

BUÉE, L; BUSSIÈRE, T; BUÉE-SCHERRER, V; DELACOURTE, A; HOF, PR. Tau protein isoforms, phosphorylation and role in neurodegenerative disorders. **Brain Research Reviews**, v. 33, n. 1, p. 95-130, 2000.

CAMANDOLA, S; MATTSON, MP. Brain metabolism in health, aging, and neurodegeneration. **The EMBO Journal**, v. 36, n. 11, p. 1474-1492, 2017.

CARMI-NAWI, N; MALINGER, G; MANDEL, H; ICHIDA, K; LERMAN-SAGIE, T; LEV, D. Prenatal brain disruption in molybdenum cofactor deficiency. **Journal Of Child Neurology**, v. 26, n. 4, p. 460-464, 2011.

CHAN, DC. Fusion and fission: interlinked processes critical for mitochondrial health. **Annual Review Of Genetics**, v. 46, p. 265-287, 2012.

CHEN, LW; TSAI, YS; HUANG, CC. Prenatal multicystic encephalopathy in isolated sulfite oxidase deficiency with a novel mutaion. **Pediatric Neurology**, v. 51, n. 1, p. 181-182, 2014.

CHIANG, SK; CHEN, SE; CHANG, LC. A dual role of heme oxygenase-1 in cancer cells. **International Journal Of Molecular Sciences**, v. 20, n. 1, p. 39, 2018.

CHIARANI, F; BAVARESCO, CS; DUTRA-FILHO, CS; NETTO, CA; WYSE, AT S. Sulfite increases lipoperoxidation and decreases the activity of catalase in brain of rats. **Metabolic Brain Disease**, v. 23, p. 123-132, 2007.

CHICO, LK; VAN ELDIK, LJ; WATTERSON, DM. Targeting protein kinases in central nervous system disorders. **Nature Reviews Drug Discovery**, v. 8, n. 11, p. 892-909, 2009.

CHOI, AM; ALAM, J. Heme oxygenase-1: function, regulation, and implication of a novel stress-inducible protein in oxidant-induced lung injury. **American Journal Of Respiratory Cell And Molecular Biology**, v. 15, n. 1, p. 9-19, 1996.

CLAERHOUT, H; WITTERS, P; RÉGAL, L; JANSEN, K; VAN HOESTENBERGHE, MR; BRECKPOT, J; VERMEERSCH, P. Isolated sulfite oxidase deficiency. **Journal Of Inherited Metabolic Disease**, v. 41, n. 1, p. 101-108, 2017.

CORNET, MC; SANDS, TT; CILIO, MR. Neonatal epilepsies: clinical management. **Seminars In Fetal And Neonatal Medicine**, v. 23, n. 3, p. 204-212, 2018.

DANQUAH, A; DE ZELICOURT, A; COLCOMBET, J; HIRT, H. The role of ABA and MAPK signaling pathways in plant abiotic stress responses. **Biotechnology Advances**, v. 32, n. 1, p. 40-52, 2014.

DE MOURA ALVORCEM, L; DA ROSA, MS; GLÄNZEL, NM; PARMEGGIANI, B; GRINGS, M; SCHMITZ, F; WYSE, ATS.; WAJNER, M; LEIPNITZ, G. Disruption of energy transfer and redox status by sulfite in hippocampus, striatum, and cerebellum of developing rats. **Neurotoxicity Research**, v. 32, n. 2, p. 264-275, 2017.

DU, W; HU, H; ZHANG, J; BAO, G; CHEN, R; QUAN, R. The mechanism of MAPK signal transduction pathway involved with electroacupuncture treatment for different diseases. **Evidence-based Complementary And Alternative Medicine**, v. 2019, p. 1-10, 2019.

DURCAN, TM; FON, EA. The three 'P's of mitophagy: parkin, pink1, and post-translational modifications. **Genes & Development**, v. 29, n. 10, p. 989-999, 2015.

DURMAZ, MS; ÖZBAKIR, B. Molybdenum cofactor deficiency: neuroimaging findings. **Radiology Case Reports**, v. 13, n. 3, p. 592-595, 2018.

EDWARDS, MC; JOHNSON, JL; MARRIAGE, B; GRAF, TN; COYNE, KE; RAJAGOPALAN, KV; MACDONALD, IM. Isolated sulfite oxidase deficiency: Review of two cases in one family. **Ophthalmology**, v. 106, n. 10, p. 1957-1961, 1999.

ERECINSKA, M; SILVER, IA. Ions and energy in mammalian brain. **Progress In Neurobiology**, v. 43, n. 1, p. 37-71, 1994.

ESPINOSA-DIEZ, C; MIGUEL, V; MENNERICH, D; KIETZMANN, T; SÁNCHEZ-PÉREZ, P; CADENAS, S; LAMAS, S. Antioxidant responses and cellular adjustments to oxidative stress. **Redox Biology**, v. 6, p. 183-197, 2015.

FERRARI, L; RÜDIGER, SGD. Recombinant production and purification of the human protein Tau. **Protein Engineering, Design And Selection**, v. 31, n. 12, p. 447-455, 2018.

FORMAN, HJ; ZHANG, H; RINNA, A. Glutathione: overview of its protective roles, measurement, and biosynthesis. **Molecular Aspects Of Medicine**, v. 30, n. 1-2, p. 1-12, 2009.

GARRETT, RM; JOHNSON, JL; GRAF, TN; FEIGENBAUM, A; RAJAGOPALAN, KV. Human sulfite oxidase R160Q: identification of the mutation in a sulfite oxidase-deficient patient and expression and characterization of the mutant enzyme. **Proceedings Of The National Academy Of Sciences**, v. 95, n. 11, p. 6394-6398, 1998.

GOEDERT, M. Tau filaments in neurodegenerative diseases. **FEBS Letters**, v. 592, n. 14, p. 2383-2391, 2018.

GRINGS, M; MOURA, AP; AMARAL, AU; PARMEGGIANI, B; GASPAROTTO, J; MOREIRA, JC; GELAIN, DP; WYSE, ATS; WAJNER, M; LEIPNITZ, G. Sulfite disrupts brain mitochondrial energy homeostasis and induces mitochondrial permeability transition pore opening via thiol group modification. **Biochimica Et Biophysica Acta - Molecular Basis Of Disease**, v. 1842, n. 9, p. 1413-1422, 2014.

GRINGS, M; MOURA, AP; PARMEGGIANI, B; MARCOWICH, GF; AMARAL, AU; WYSE, ATS; WAJNER, M; LEIPNITZ, G. Disturbance of brain energy and redox homeostasis provoked by sulfite and thiosulfate: potential pathomechanisms involved in the neuropathology of sulfite oxidase deficiency. **Gene**, v. 531, n. 2, p. 191-198, 2013.

GRINGS, M; MOURA, AP; PARMEGGIANI, B; MOTTA, MM; BOLDRINI, RM; AUGUST, PM; MATTÉ, C; WYSE, ATS; WAJNER, M; LEIPNITZ, G. Higher susceptibility of cerebral cortex and striatum to sulfite neurotoxicity in sulfite oxidase-deficient rats. **Biochimica Et Biophysica Acta - Molecular Basis Of Disease**, v. 1862, n. 11, p. 2063-2074, 2016.

GRINGS, M; MOURA, AP; PARMEGGIANI, B; PLETSCH, JT; CARDOSO, GMF; AUGUST, PM; MATTÉ, C; WYSE, ATS; WAJNER, M; LEIPNITZ, G. Bezafibrate prevents mitochondrial dysfunction, antioxidant system disturbance, glial reactivity and neuronal damage induced by sulfite administration in striatum of rats: implications for a possible therapeutic strategy for sulfite oxidase deficiency. **Biochimica Et Biophysica Acta - Molecular Basis Of Disease**, v. 1863, n. 9, p. 2135-2148, 2017.

GRINGS, M; SEMINOTTI, B; KARUNANIDHI, A; GHALOUL-GONZALEZ, L; MOHSEN, AW; WIPF, P; PALMFELDT, J; VOCKLEY, J; LEIPNITZ, G. ETHE1 and MOCS1 deficiencies: disruption of mitochondrial bioenergetics, dynamics, redox homeostasis and endoplasmic reticulum-mitochondria crosstalk in patient fibroblasts. **Scientific Reports**, v. 9, n. 1, p. 12651, 2019.

GUAN, R; ZOU, W; DAI, X; YU, X; LIU, H; CHEN, Q; TENG, W. Mitophagy, a potential therapeutic target for stroke. **Journal Of Biomedical Science**, v. 25, n. 1, p. 87, 2018.

GUO, YJ; PAN, WW; LIU, SB; SHEN, ZF; XU, Y; HU, LL. ERK/MAPK signalling pathway and tumorigenesis. **Experimental And Therapeutic Medicine**, v. 19, n. 3, p. 1997-2007, 2020.

HERKEN, EN; KOCAMAZ, E; EREL, O; CELIK, H; KUCUKATAY, V. Effect of sulfite treatment on total antioxidant capacity, total oxidant status, lipid hydroperoxide, and total free

sulfydryl groups contents in normal and sulfite oxidase-deficient rat plasma. **Cell Biology And Toxicology**, v. 25, n. 4, p. 355-362, 2008.

HOBSON, EE; THOMAS, S; CROFTON, PM; MURRAY, AD; DEAN, JC.; LLOYD, D. Isolated sulphite oxidase deficiency mimics the features of hypoxic ischaemic encephalopathy. **European Journal Of Pediatrics**, v. 164, n. 11, p. 655-659, 2005.

HOFFMANN, C; BEN-ZEEV, B; ANIKSTER, Y; NISSENKORN, A; BRAND, N; KUINT, J; KUSHNIR, T. Magnetic resonance imaging and magnetic resonance spectroscopy in isolated sulfite oxidase deficiency. **Journal Of Child Neurology**, v. 22, n. 10, p. 1214-1221, 2007.

HOLDER, JL; AGADI, S; REESE, W; REHDER, C; QUACH, MM. Infantile spasms and hyperekplexia associated with isolated sulfite oxidase deficiency. **JAMA Neurology**, v. 71, n. 6, p. 782-784, 2014.

HUIJMANS, J; SCHOT, R; DE KLERK, J; WILLIAMS, M; DE COO, R; DURAN, M; VERHEIJEN, FW; VAN SLEGTENHORST, M; MANCINI, G. Molybdenum cofactor deficiency: Identification of a patient with homozygote mutation in the MOCS3 gene. **American Journal Of Medical Genetics**. Part A, v. 173, n. 6, p. 1601–1606, 2017.

İZGÜT-UYSAL, VN; KÜÇÜKATAY, V; BÜLBÜL, M; TAN, R; YARGIÇOğLU, P; AğAR, A. Effect of sulfite on macrophage functions of normal and sulfite oxidase-deficient rats. **Food And Chemical Toxicology**, [S.L.], v. 43, n. 4, p. 599-605, 2005.

JI, AJ; SAVON, SR; JACOBSEN, DW. Determination of total serum sulfite by HPLC with fluorescence detection. **Clinical Chemistry**, v. 41, n. 6 Pt 1, p. 897-903, 1995.

JOHNSON, JL. Prenatal diagnosis of molybdenum cofactor deficiency and isolated sulfite oxidase deficiency. **Prenatal Diagnosis**, v. 23, n. 1, p. 6-8, 2003.

JOHNSON, JL; COYNE, KE; GARRETT, RM; ZABOT, MT; DORCHE, C; KISKER, C; RAJAGOPALAN, KV. Isolated sulfite oxidase deficiency: identification of 12 novel SUOX mutations in 10 patients. **Human Mutation**, v. 20, n. 1, p. 74, 2002.

KAPPLER, U; ENEMARK, JH. Sulfite-oxidizing enzymes. **Journal Of Biological Inorganic Chemistry**, v. 20, n. 2, p. 253-264, 2014.

KARAKAS, E; KISKER, C. Structural analysis of missense mutations causing isolated sulfite oxidase deficiency. **Dalton Transactions**, n. 21, p. 3459-3463, 2005.

KIM, EK; CHOI, EJ. Compromised MAPK signaling in human diseases: an update. **Archives Of Toxicology**, v. 89, n. 6, p. 867-882, 2015.

KISKER, C; SCHINDELIN, H; PACHECO, A; WEHBI, WA; GARRETT, RM; RAJAGOPALAN, KV; ENEMARK, JH; REES, DC. Molecular basis of sulfite oxidase deficiency from the structure of sulfite oxidase. **Cell**, v. 91, n. 7, p. 973-983, 1997.

KOCAMAZ, E; ADIGUZEL, E; ER, B; GUNDOGDU, G; KUCUKATAY, V. Sulfite leads to neuron loss in the hippocampus of both normal and SOX-deficient rats. **Neurochemistry International**, v. 61, n. 3, p. 341-346, 2012.

KUCUKATAY, V; BOR-KUCUKATAY, M; ATSAK, P; AğAR, A. Effect of ingested sulfite on hippocampus antioxidant enzyme activities in sulfite oxidase competent and deficient rats. **International Journal Of Neuroscience**, v. 117, n. 7, p. 971-983, 2007.

KUCUKATAY, V; HACIOGLU, G; SAVCIOGLU, F; YARGICOGLU, P; A AGAR. Visual evoked potentials in normal and sulfite oxidase deficient rats exposed to ingested sulfite. **Neurotoxicology**, v. 27, n. 1, p. 93-100, 2006.

LAMBERT, AJ; BRAND, MD. Reactive oxygen species production by mitochondria. **Methods In Molecular Biology**, v. 554, p. 165-181, 2009.

LEE, H; YOON, Y. Mitochondrial fission and fusion. **Biochemical Society Transactions**, v. 44, n. 6, p. 1725-1735, 2016.

LEE, HF; CHI, CS; TSAI, CR; CHEN, HC; LEE, IC. Prenatal brain disruption in isolated sulfite oxidase deficiency. **Orphanet Journal Of Rare Diseases**, v. 12, n. 1, p. 115, 2017.

LI, C; SUN, S; PARK, D; JEONG, HO; CHUNG, HY; LIU, XX; ZHOU, HM. Hydrogen peroxide targets the cysteine at the active site and irreversibly inactivates creatine kinase. **International Journal Of Biological Macromolecules**, v. 49, n. 5, p. 910-916, 2011.

LU, SC. Glutathione synthesis. **Biochimica Et Biophysica Acta - General Subjects**, v. 1830, n. 5, p. 3143-3153, 2013.

MAGISTRETTI, PJ; ALLAMAN, I. A cellular perspective on brain energy metabolism and functional imaging. **Neuron**, v. 86, n. 4, p. 883-901, 2015.

MAGISTRETTI, PJ; ALLAMAN, I. Lactate in the brain: from metabolic end-product to signalling molecule. **Nature Reviews. Neuroscience**, v. 19, n. 4, p. 235-249, 2018.

MANDELKOW, EM; MANDELKOW, E. Biochemistry and cell biology of tau protein in neurofibrillary degeneration. **Cold Spring Harbor Perspectives In Medicine**, v. 2, n. 7, p. a006247, 2012.

MENDEL, RR; BITTNER, F. Cell biology of molybdenum. **Biochimica Et Biophysica Acta - Molecular Cell Research**, v. 1763, n. 7, p. 621-635, 2006.

MENZEL, DB; KELLER, DA; LEUNG, KH. Covalent reactions in the toxicity of SO2 and sulfite. **Advances In Experimental Medicine And Biology**, v.197, p. 477-492, 1986.

MEYER, JN; LEUTHNER, TC; LUZ, AL. Mitochondrial fusion, fission, and mitochondrial toxicity. **Toxicology**, v. 391, p. 42-53, 2017.

MILLS, PB; FOOTITT, EJ; CEYHAN, S; WATERS, PJ; JAKOBS, C; CLAYTON, PT; STRUYS, EA. Urinary AASA excretion is elevated in patients with molybdenum cofactor deficiency and isolated sulphite oxidase deficiency. **Journal Of Inherited Metabolic Disease**, v. 35, n. 6, p. 1031-1036, 2012.

NELSON, DL; COX, MM. **Lehninger Principles of Biochemistry**. 7. ed. W. H. Freeman, 2017.

OZTURK, OH; OKTAR, S; AYDIN, M; KUCUKATAY, V. Effect of sulfite on antioxidant enzymes and lipid peroxidation in normal and sulfite oxidase-deficient rat erythrocytes. **Journal Of Physiology And Biochemistry**, v. 66, n. 3, p. 205-212, 2010.

PARMEGGIANI, B; MOURA, AP; GRINGS, M; BUMBEL, AP; DE MOURA ALVORCEM, L; PLETSCH, JT; FERNANDES, CG; WYSE, ATS; WAJNER, M; LEIPNITZ, G. In vitro evidence that sulfite impairs glutamatergic neurotransmission and inhibits glutathione metabolism-related enzymes in rat cerebral cortex. **International Journal Of Developmental Neuroscience**, v. 42, p. 68-75, 2015.

PERNAS, L; SCORRANO, L. Mito-Morphosis: mitochondrial fusion, fission, and cristae remodeling as key mediators of cellular function. **Annual Review Of Physiology**, v. 78, p. 505-531, 2016.

PISOSCHI, AM; POP, A. The role of antioxidants in the chemistry of oxidative stress: a review. **European Journal Of Medicinal Chemistry**, v. 97, p. 55-74, 2015.

PUNDIR, CS; RAWAL, R. Determination of sulfite with emphasis on biosensing methods: a review. **Analytical And Bioanalytical Chemistry**, v. 405, n. 10, p. 3049-3062, 2013.

RAY, PD; HUANG, BW; TSUJI, Y. Reactive oxygen species (ROS) homeostasis and redox regulation in cellular signaling**. Cellular Signalling**, v. 24, n. 5, p. 981-990, 2012.

REISS, J; HAHNEWALD, R. Molybdenum cofactor deficiency: mutations in GPHN, MOCS1 and MOCS2. **Human Mutation**, v. 32, n. 1, p. 10-18, 2010.

RELINQUE, B; BARDALLO, L; GRANERO, M; JIMÉNEZ, PJ; LUNA, S. Isolated sulfite oxidase deficiency. **Journal Of Neonatal-perinatal Medicine**, v. 8, n. 1, p. 53-55, 2015.

ROCHA, S; FERREIRA, AC; DIAS, AI; VIEIRA, JP; SEQUEIRA, S. Sulfite oxidase deficiency – an unusual late and mild presentation. **Brain And Development**, v. 36, n. 2, p. 176-179, 2014.

RUPAR, CA; GILLETT, J; GORDON, BA; RAMSAY, DA; JOHNSON, JL; GARRETT, RM; RAJAGOPALAN, KV; JUNG, JH; BACHEYIE, GS; SELLERS, AR. Isolated sulfite oxidase deficiency. **Neuropediatrics**, v. 27, n. 6, p. 299-304, 1996.

RUSZKIEWICZ, J; ALBRECHT, J. Changes in the mitochondrial antioxidant systems in neurodegenerative diseases and acute brain disorders. **Neurochemistry International**, v. 88, p. 66-72, 2015.

RYTER, SW; TYRRELL, RM. The heme synthesis and degradation pathways: role in oxidant sensitivity. Heme oxygenase has both pro- and antioxidante properties. **Free Radical Biology & Medicine**, v. 28, n. 2, p. 289-309, 2000.

SALAS, S; ARCA, G. Sospecha diagnóstica por imagen de déficit de sulfito oxidasa. **Anales De Pediatría**, v. 88, n. 4, p. 230-231, 2018.

SASS, JO; GUNDUZ, A; ARAUJO RODRIGUES FUNAYAMA, C; KORKMAZ, B; DANTAS PINTO, KG; TUYSUZ, B; YANASSE DOS SANTOS, L; TASKIRAN, E; DE FÁTIMA TURCATO, M; LAM, CW; REISS, J; WALTER, M; YALCINKAYA, C; CAMELO JUNIOR, JS. Functional deficiencies of sulfite oxidase: differential diagnoses in neonates

presenting with intractable seizures and cystic encephalomalacia. **Brain & Development**, v. 32, n. 7, p. 544-549, 2010.

SASS, JO; NAKANISHI, T; SATO, T; SHIMIZU, A. New approaches towards laboratory diagnosis of isolated sulphite oxidase deficiency. **Annals Of Clinical Biochemistry: International Journal Of Laboratory Medicine**, v. 41, n. 2, p. 157-159, 2004.

SCELSA, B; GASPERINI, S; RIGHINI, A; IASCONE, M; BRAZZODURO, VG; VEGGIOTTI, P. Mild phenotype in molybdenum cofactor deficiency: A new patient and review of the literature. **Molecular Genetics & Genomic Medicine**, v. 7, n. 6, p. e657, 2019.

SCHLATTNER, U; KLAUS, A; RAMIREZ RIOS, S; GUZUN, R; KAY, L; TOKARSKA-SCHLATTNER, M. Cellular compartmentation of energy metabolism: creatine kinase microcompartments and recruitment of B-type creatine kinase to specific subcellular sites. **Amino Acids**, v. 48, n. 8, p. 1751-1774, 2016.

SCHWARZ, G. Molybdenum cofactor and human disease. **Current Opinion In Chemical Biology**, v. 31, p. 179-187, 2016.

SHARAWAT, IK; SAINI, L; SINGANAMALA, B; SAINI, AG; SAHU, JK; ATTRI, SV; SANKHYAN, N. Metabolic crisis after trivial head trauma in late-onset isolated sulfite oxidase deficiency: Report of two new cases and review of published patients. **Brain & Development**, v. 42, n. 2, p. 157-164, 2020.

SHEN, H; TSUCHIDA, S; TAMAI, K; SATO, K. Identification of cysteine residues involved in disulfide formation in the inactivation of glutathione transferase P-form by hydrogen peroxide. **Archives Of Biochemistry And Biophysics**, v. 300, n. 1, p. 137-141, 1993.

SIES, H. Oxidative stress: oxidants and antioxidants. **Experimental Physiology**, v. 82, n. 2, p. 291-295, 1997.

SPRENGER, HG; LANGER, T. The good and the bad of mitochondrial breakups. **Trends In Cell Biology**, v. 29, n. 11, p. 888-900, 2019.

SUN, J; NAN, G. The mitogen-activated protein kinase (MAPK) signaling pathway as a discovery target in stroke. **Journal Of Molecular Neuroscience: MN**, v. 59, n. 1, p. 90-98, 2016.

SUN, Y; YANG, J; HU, X; GAO, X; LI, Y; YU, M; LIU, S; LU, X; JIN, C; WU, S; CAI, Y. Lanthanum chloride reduces lactate production in primary culture rat cortical astrocytes and suppresses primary co-culture rat cortical astrocyte-neuron lactate transport. **Archives Of Toxicology**, v. 92, n. 4, p. 1407-1419, 2017.

SZABO, IL; KENYERES, A; SZEGEDI, A; SZOLLOSI, AG. Heme oxygenase and the skin in health and disease. **Current Pharmaceutical Design**, v. 24, n. 20, p. 2303-2310, 2018.

TAN, WH; EICHLER, FS; HODA, S; LEE, MS; BARIS, H; HANLEY, CA; GRANT, PE; KRISHNAMOORTHY, KS; SHIH, VE. Isolated sulfite oxidase deficiency: a case report with a novel mutation and review of the literature. **Pediatrics**, v. 116, n. 3, p. 757-766, 2005.

TEKSAM, O; YURDAKOK, M; COSKUN, T. Molybdenum cofactor deficiency presenting with severe metabolic acidosis and intracranial hemorrhage**. Journal Of Child Neurology**, v. 20, n. 2, p. 155-157, 2005.

TURRENS, JF. Mitochondrial formation of reactive oxygen species. **The Journal Of Physiology**, v. 552, Pt 2, p. 335-344, 2003.

UM, JH; YUN, J. Emerging role of mitophagy in human diseases and physiology. **BMB Reports**, v. 50, n. 6, p. 299-307, 2017.

VAN DER BLIEK, AM; SEDENSKY, MM; MORGAN, PG. Cell biology of the mitochondrion. **Genetics**, v. 207, n. 3, p. 843-871, 2017.

VÁSQUEZ-TRINCADO, C; GARCÍA-CARVAJAL, I; PENNANEN, C; PARRA, V; HILL, JA; ROTHERMEL, BA; LAVANDERO, S. Mitochondrial dynamics, mitophagy and cardiovascular disease. **The Journal Of Physiology**, v. 594, n. 3, p. 509-525, 2016.

VELAYUTHAM, M; HEMANN, CF; CARDOUNEL, AJ; ZWEIER, JL. Sulfite oxidase activity of cytochrome c: role of hydrogen peroxide. **Biochemistry And Biophysics Reports**, v. 5, p. 96-104, 2016.

VELDMAN, A; SANTAMARIA-ARAUJO, JA; SOLLAZZO, S; PITT, J; GIANELLO, R; YAPLITO-LEE, J; WONG, F; RAMSDEN, CA; REISS, J; COOK, I; FAIRWEATHER, J; SCHWARZ, G. Successful treatment of molybdenum cofactor deficiency type A with cPMP. **Pediatrics**, v. 125, n. 5, p. e1249-e1254, 2010.

VIJAYAN, V; WAGENER, F; IMMENSCHUH, S. The macrophage heme-heme oxygenase-1 system and its role in inflammation. **Biochemical Pharmacology**, v. 153, p. 159-167, 2018.

WAI, T; LANGER, T. Mitochondrial dynamics and metabolic regulation. **Trends In Endocrinology And Metabolism: TEM**, v. 27, n. 2, p. 105-117, 2016.

WALLIMANN, T; TOKARSKA-SCHLATTNER, M; SCHLATTNER, U. The creatine kinase system and pleiotropic effects of creatine. **Amino Acids**, v. 40, n. 5, p. 1271-1296, 2011.

WANG, PF; MCLEISH, MJ; KNEEN, MM; LEE, G; KENYON, GL. An unusually low pK(a) for Cys282 in the active site of human muscle creatine kinase. **Biochemistry**, v. 40, n. 39, p. 11698-11705, 2001.

WENDT, S; SCHLATTNER, U; WALLIMANN, T. Differential effects of peroxynitrite on human mitochondrial creatine kinase isoenzymes. **Journal Of Biological Chemistry**, v. 278, n. 2, p. 1125-1130, 2002.

WESTERLINCK, H; MEYLAERTS, L; VAN HOESTENBERGHE, MR; ROSSI, A. Sulfite oxidase deficiency in a newborn. **Journal Of The Belgian Society Of Radiology**, v. 97, n. 2, p. 113-114, 2014.

WINTERBOURN, CC. Reconciling the chemistry and biology of reactive oxygen species. **Nature Chemical Biology**, v. 4, n. 5, p. 278-286, 2008.

WOO, WH; YANG, H; WONG, KP; HALLIWELL, B. Sulphite oxidase gene expression in human brain and in other human and rat tissues. **Biochemical And Biophysical Research Communications**, v. 305, n. 3, p. 619-623, 2003.

WU, G; FANG, YZ; YANG, S; LUPTON, JR; TURNER, ND. Glutathione metabolism and its implications for health. **The Journal Of Nutrition**, v. 134, n. 3, p. 489-492, 2004.

WYSE, ATS; GRINGS, M; WAJNER, M; LEIPNITZ, G. The Role of oxidative stress and bioenergetic dysfunction in sulfite oxidase deficiency: insights from animal models. **Neurotoxicity Research**, v. 35, n. 2, p. 484-494, 2018.

YOGANATHAN, S; SUDHAKAR, S; THOMAS, M; KUMAR DUTTA, A; DANDA, S; CHANDRAN, M. Novel imaging finding and novel mutation in an infant with molybdenum cofactor deficiency, a mimicker of hypoxic-ischaemic encephalopathy. **Iranian Journal Of Child Neurology**, v. 12, n. 2, p. 107-112, 2018.

YOO, SM; JUNG, YK. A molecular approach to mitophagy and mitochondrial dynamics. **Molecules And Cells**, v. 41, n. 1, p. 18-26, 2018.

ZAKI, MS; SELIM, L; EL-BASSYOUNI, HT; ISSA, MY; MAHMOUD, I; ISMAIL, S; GIRGIS, M; SADEK, AA; GLEESON, JG; ABDEL HAMID, MS. Molybdenum cofactor and isolated sulphite oxidase deficiencies: clinical and molecular spectrum among egyptian patients. **European Journal Of Paediatric Neurology: EJPN**, v. 20, n. 5, p. 714-722, 2016.

ZHANG, X; VINCENT, AS; HALLIWELL, B; WONG, KP. A mechanism of sulfite neurotoxicity: direct inhibition of glutamate dehydrogenase. **Journal Of Biological Chemistry**, v. 279, n. 41, p. 43035-43045, 2004.

ANEXO I

Molecular Neurobiology - Submission guidelines

Instructions for Authors

MANUSCRIPT SUBMISSION

Manuscript Submission

Submission of a manuscript implies: that the work described has not been published before; that it is not under consideration for publication anywhere else; that its publication has been approved by all co-authors, if any, as well as by the responsible authorities – tacitly or explicitly – at the institute where the work has been carried out. The publisher will not be held legally responsible should there be any claims for compensation.

Permissions

Authors wishing to include figures, tables, or text passages that have already been published elsewhere are required to obtain permission from the copyright owner(s) for both the print and online format and to include evidence that such permission has been granted when submitting their papers. Any material received without such evidence will be assumed to originate from the authors.

Online Submission

Please follow the hyperlink “Submit online” on the right and upload all of your manuscript files following the instructions given on the screen.

Please ensure you provide all relevant editable source files. Failing to submit these source files might cause unnecessary delays in the review and production process.

ORCID ID

This publication requires that the corresponding author provides his/her ORCiD ID before proceeding with submission.

For more information about this journal's ORCiD policy, please visit the ORCID FAQ

TITLE PAGE

Title Page

Please use this template title page for providing the following information.

The title page should include:

- The name(s) of the author(s)
- A concise and informative title
- The affiliation(s) of the author(s), i.e. institution, (department), city, (state), country
- A clear indication and an active e-mail address of the corresponding author
- If available, the 16-digit ORCID of the author(s)

If address information is provided with the affiliation(s) it will also be published.

For authors that are (temporarily) unaffiliated we will only capture their city and country of residence, not their e-mail address unless specifically requested.

Abstract

Please provide an abstract of 150 to 250 words. The abstract should not contain any undefined abbreviations or unspecified references.

For life science journals only (when applicable)

Trial registration number and date of registration

Trial registration number, date of registration followed by "retrospectively registered"

Keywords

Please provide 4 to 6 keywords which can be used for indexing purposes.

Declarations

All manuscripts must contain the following sections under the heading 'Declarations'.

If any of the sections are not relevant to your manuscript, please include the heading and write 'Not applicable' for that section.

To be used for non-life science journals

Funding (information that explains whether and by whom the research was supported)

Conflicts of interest/Competing interests (include appropriate disclosures)

Availability of data and material (data transparency)

Code availability (software application or custom code)

Authors' contributions (optional: please review the submission guidelines from the journal whether statements are mandatory)

To be used for life science journals + articles with biological applications

Funding (information that explains whether and by whom the research was supported)

Conflicts of interest/Competing interests (include appropriate disclosures)

Ethics approval (include appropriate approvals or waivers)

Consent to participate (include appropriate statements)

Consent for publication (include appropriate statements)

Availability of data and material (data transparency)

Code availability (software application or custom code)

Authors' contributions (optional: please review the submission guidelines from the journal whether statements are mandatory)

Please see the relevant sections in the submission guidelines for further information as well as various examples of wording. Please revise/customize the sample statements according to your own needs.

TEXT

Text Formatting

Manuscripts should be submitted in Word.

- Use a normal, plain font (e.g., 10-point Times Roman) for text.
- Use italics for emphasis.
- Use the automatic page numbering function to number the pages.
- Do not use field functions.
- Use tab stops or other commands for indents, not the space bar.
- Use the table function, not spreadsheets, to make tables.
- Use the equation editor or MathType for equations.
- Save your file in docx format (Word 2007 or higher) or doc format (older Word versions).

Manuscripts with mathematical content can also be submitted in LaTeX.

Headings

Please use no more than three levels of displayed headings.

Abbreviations

Abbreviations should be defined at first mention and used consistently thereafter.

Footnotes

Footnotes can be used to give additional information, which may include the citation of a reference included in the reference list. They should not consist solely of a reference citation, and they should never include the bibliographic details of a reference. They should also not contain any figures or tables.

Footnotes to the text are numbered consecutively; those to tables should be indicated by superscript lower-case letters (or asterisks for significance values and other statistical data). Footnotes to the title or the authors of the article are not given reference symbols.

Always use footnotes instead of endnotes.

Acknowledgments

Acknowledgments of people, grants, funds, etc. should be placed in a separate section on the title page. The names of funding organizations should be written in full.

REFERENCES

Citation

Reference citations in the text should be identified by numbers in square brackets. Some examples:

1. Negotiation research spans many disciplines [3].

2. This result was later contradicted by Becker and Seligman [5].

3. This effect has been widely studied [1-3, 7].

Reference list

The list of references should only include works that are cited in the text and that have been published or accepted for publication. Personal communications and unpublished works should only be mentioned in the text. Do not use footnotes or endnotes as a substitute for a reference list.

The entries in the list should be numbered consecutively.

• Journal article

Gamelin FX, Baquet G, Berthoin S, Thevenet D, Nourry C, Nottin S, Bosquet L (2009) Effect of high intensity intermittent training on heart rate variability in prepubescent children. Eur J Appl Physiol 105:731-738. https://doi.org/10.1007/s00421-008-0955-8

Ideally, the names of all authors should be provided, but the usage of “et al” in long author lists will also be accepted:

Smith J, Jones M Jr, Houghton L et al (1999) Future of health insurance. N Engl J Med 965:325–329

• Article by DOI

Slifka MK, Whitton JL (2000) Clinical implications of dysregulated cytokine production. J Mol Med. https://doi.org/10.1007/s001090000086

• Book

South J, Blass B (2001) The future of modern genomics. Blackwell, London

• Book chapter

Brown B, Aaron M (2001) The politics of nature. In: Smith J (ed) The rise of modern genomics, 3rd edn. Wiley, New York, pp 230-257

• Online document

Cartwright J (2007) Big stars have weather too. IOP Publishing PhysicsWeb. http://physicsweb.org/articles/news/11/6/16/1. Accessed 26 June 2007

• Dissertation

Trent JW (1975) Experimental acute renal failure. Dissertation, University of California

Always use the standard abbreviation of a journal's name according to the ISSN List of Title Word Abbreviations, see ISSN.org LTWA

If you are unsure, please use the full journal title.

For authors using EndNote, Springer provides an output style that supports the formatting of in-text citations and reference list.

Authors preparing their manuscript in LaTeX can use the bibtex file spbasic.bst which is included in Springer's LaTeX macro package.

TABLES

• All tables are to be numbered using Arabic numerals.

• Tables should always be cited in text in consecutive numerical order.

• For each table, please supply a table caption (title) explaining the components of the table.

- Identify any previously published material by giving the original source in the form of a reference at the end of the table caption.
- Footnotes to tables should be indicated by superscript lower-case letters (or asterisks for significance values and other statistical data) and included beneath the table body.

ARTWORK AND ILLUSTRATIONS GUIDELINES

Electronic Figure Submission

- Supply all figures electronically.
- Indicate what graphics program was used to create the artwork.
- For vector graphics, the preferred format is EPS; for halftones, please use TIFF format. MSOffice files are also acceptable.
- Vector graphics containing fonts must have the fonts embedded in the files.
- Name your figure files with "Fig" and the figure number, e.g., Fig1.eps.

Line Art

- Definition: Black and white graphic with no shading.
- Do not use faint lines and/or lettering and check that all lines and lettering within the figures are legible at final size.
- All lines should be at least 0.1 mm (0.3 pt) wide.
- Scanned line drawings and line drawings in bitmap format should have a minimum resolution of 1200 dpi.
- Vector graphics containing fonts must have the fonts embedded in the files.

Halftone Art

- Definition: Photographs, drawings, or paintings with fine shading, etc.
- If any magnification is used in the photographs, indicate this by using scale bars within the figures themselves.

• Halftones should have a minimum resolution of 300 dpi.

Combination Art

• Definition: a combination of halftone and line art, e.g., halftones containing line drawing, extensive lettering, color diagrams, etc.

• Combination artwork should have a minimum resolution of 600 dpi.

Color Art

• Color art is free of charge for online publication.

• If black and white will be shown in the print version, make sure that the main information will still be visible. Many colors are not distinguishable from one another when converted to black and white. A simple way to check this is to make a xerographic copy to see if the necessary distinctions between the different colors are still apparent.

• If the figures will be printed in black and white, do not refer to color in the captions.

• Color illustrations should be submitted as RGB (8 bits per channel).

Figure Lettering

• To add lettering, it is best to use Helvetica or Arial (sans serif fonts).

• Keep lettering consistently sized throughout your final-sized artwork, usually about 2–3 mm (8–12 pt).

• Variance of type size within an illustration should be minimal, e.g., do not use 8-pt type on an axis and 20-pt type for the axis label.

• Avoid effects such as shading, outline letters, etc.

• Do not include titles or captions within your illustrations.

Figure Numbering

• All figures are to be numbered using Arabic numerals.

• Figures should always be cited in text in consecutive numerical order.

• Figure parts should be denoted by lowercase letters (a, b, c, etc.).

• If an appendix appears in your article and it contains one or more figures, continue the consecutive numbering of the main text. Do not number the appendix figures,"A1, A2, A3, etc." Figures in online appendices (Electronic Supplementary Material) should, however, be numbered separately.

Figure Captions

• Each figure should have a concise caption describing accurately what the figure depicts. Include the captions in the text file of the manuscript, not in the figure file.

• Figure captions begin with the term Fig. in bold type, followed by the figure number, also in bold type.

• No punctuation is to be included after the number, nor is any punctuation to be placed at the end of the caption.

• Identify all elements found in the figure in the figure caption; and use boxes, circles, etc., as coordinate points in graphs.

• Identify previously published material by giving the original source in the form of a reference citation at the end of the figure caption.

Figure Placement and Size

• Figures should be submitted separately from the text, if possible.

• When preparing your figures, size figures to fit in the column width.

• For large-sized journals the figures should be 84 mm (for double-column text areas), or 174 mm (for single-column text areas) wide and not higher than 234 mm.

• For small-sized journals, the figures should be 119 mm wide and not higher than 195 mm.

Permissions

If you include figures that have already been published elsewhere, you must obtain permission from the copyright owner(s) for both the print and online format. Please be aware that some publishers do not grant electronic rights for free and that Springer will not be able to refund any

costs that may have occurred to receive these permissions. In such cases, material from other sources should be used.

Accessibility

In order to give people of all abilities and disabilities access to the content of your figures, please make sure that

- All figures have descriptive captions (blind users could then use a text-to-speech software or a text-to-Braille hardware)
- Patterns are used instead of or in addition to colors for conveying information (colorblind users would then be able to distinguish the visual elements)
- Any figure lettering has a contrast ratio of at least 4.5:1

ELECTRONIC SUPPLEMENTARY MATERIAL

Springer accepts electronic multimedia files (animations, movies, audio, etc.) and other supplementary files to be published online along with an article or a book chapter. This feature can add dimension to the author's article, as certain information cannot be printed or is more convenient in electronic form.

Before submitting research datasets as electronic supplementary material, authors should read the journal's Research data policy. We encourage research data to be archived in data repositories wherever possible.

Submission

- Supply all supplementary material in standard file formats.
- Please include in each file the following information: article title, journal name, author names; affiliation and e-mail address of the corresponding author.
- To accommodate user downloads, please keep in mind that larger-sized files may require very long download times and that some users may experience other problems during downloading.

Audio, Video, and Animations

• Aspect ratio: 16:9 or 4:3

• Maximum file size: 25 GB

• Minimum video duration: 1 sec

• Supported file formats: avi, wmv, mp4, mov, m2p, mp2, mpg, mpeg, flv, mxf, mts, m4v, 3gp

Text and Presentations

• Submit your material in PDF format; .doc or .ppt files are not suitable for long-term viability.

• A collection of figures may also be combined in a PDF file.

Spreadsheets

• Spreadsheets should be submitted as .csv or .xlsx files (MS Excel).

Specialized Formats

• Specialized format such as .pdb (chemical), .wrl (VRML), .nb (Mathematica notebook), and .tex can also be supplied.

Collecting Multiple Files

• It is possible to collect multiple files in a .zip or .gz file.

Numbering

• If supplying any supplementary material, the text must make specific mention of the material as a citation, similar to that of figures and tables.

• Refer to the supplementary files as “Online Resource”, e.g., "... as shown in the animation (Online Resource 3)", “... additional data are given in Online Resource 4”.

• Name the files consecutively, e.g. “ESM_3.mpg”, “ESM_4.pdf”.

Captions

• For each supplementary material, please supply a concise caption describing the content of the file.

Processing of supplementary files

• Electronic supplementary material will be published as received from the author without any conversion, editing, or reformatting.

Accessibility

In order to give people of all abilities and disabilities access to the content of your supplementary files, please make sure that

• The manuscript contains a descriptive caption for each supplementary material

• Video files do not contain anything that flashes more than three times per second (so that users prone to seizures caused by such effects are not put at risk)

ENGLISH LANGUAGE EDITING

For editors and reviewers to accurately assess the work presented in your manuscript you need to ensure the English language is of sufficient quality to be understood. If you need help with writing in English you should consider:

• Asking a colleague who is a native English speaker to review your manuscript for clarity.

• Visiting the English language tutorial which covers the common mistakes when writing in English.

• Using a professional language editing service where editors will improve the English to ensure that your meaning is clear and identify problems that require your review. Two such services are provided by our affiliates Nature Research Editing Service and American Journal Experts. Springer authors are entitled to a 10% discount on their first submission to either of these services, simply follow the links below.

English language tutorial

Nature Research Editing Service

American Journal Experts

Please note that the use of a language editing service is not a requirement for publication in this journal and does not imply or guarantee that the article will be selected for peer review or accepted.

If your manuscript is accepted it will be checked by our copyeditors for spelling and formal style before publication.

ETHICAL RESPONSIBILITIES OF AUTHORS

This journal is committed to upholding the integrity of the scientific record. As a member of the Committee on Publication Ethics (COPE) the journal will follow the COPE guidelines on how to deal with potential acts of misconduct.

Authors should refrain from misrepresenting research results which could damage the trust in the journal, the professionalism of scientific authorship, and ultimately the entire scientific endeavour. Maintaining integrity of the research and its presentation is helped by following the rules of good scientific practice, which include*:

- The manuscript should not be submitted to more than one journal for simultaneous consideration.
- The submitted work should be original and should not have been published elsewhere in any form or language (partially or in full), unless the new work concerns an expansion of previous work. (Please provide transparency on the re-use of material to avoid the concerns about text-recycling (‘self-plagiarism’).
- A single study should not be split up into several parts to increase the quantity of submissions and submitted to various journals or to one journal over time (i.e. ‘salami-slicing/publishing’).
- Concurrent or secondary publication is sometimes justifiable, provided certain conditions are met. Examples include: translations or a manuscript that is intended for a different group of readers.

• Results should be presented clearly, honestly, and without fabrication, falsification or inappropriate data manipulation (including image based manipulation). Authors should adhere to discipline-specific rules for acquiring, selecting and processing data.

• No data, text, or theories by others are presented as if they were the author's own ('plagiarism'). Proper acknowledgements to other works must be given (this includes material that is closely copied (near verbatim), summarized and/or paraphrased), quotation marks (to indicate words taken from another source) are used for verbatim copying of material, and permissions secured for material that is copyrighted.

Important note: the journal may use software to screen for plagiarism.

• Authors should make sure they have permissions for the use of software, questionnaires/(web) surveys and scales in their studies (if appropriate).

• Research articles and non-research articles (e.g. Opinion, Review, and Commentary articles) must cite appropriate and relevant literature in support of the claims made. Excessive and inappropriate self-citation or coordinated efforts among several authors to collectively self-cite is strongly discouraged.

• Authors should avoid untrue statements about an entity (who can be an individual person or a company) or descriptions of their behavior or actions that could potentially be seen as personal attacks or allegations about that person.

• Research that may be misapplied to pose a threat to public health or national security should be clearly identified in the manuscript (e.g. dual use of research). Examples include creation of harmful consequences of biological agents or toxins, disruption of immunity of vaccines, unusual hazards in the use of chemicals, weaponization of research/technology (amongst others).

• Authors are strongly advised to ensure the author group, the Corresponding Author, and the order of authors are all correct at submission. Adding and/or deleting authors during the revision

stages is generally not permitted, but in some cases may be warranted. Reasons for changes in authorship should be explained in detail. Please note that changes to authorship cannot be made after acceptance of a manuscript.

*All of the above are guidelines and authors need to make sure to respect third parties rights such as copyright and/or moral rights.

Upon request authors should be prepared to send relevant documentation or data in order to verify the validity of the results presented. This could be in the form of raw data, samples, records, etc. Sensitive information in the form of confidential or proprietary data is excluded.

If there is suspicion of misbehavior or alleged fraud the Journal and/or Publisher will carry out an investigation following COPE guidelines. If, after investigation, there are valid concerns, the author(s) concerned will be contacted under their given e-mail address and given an opportunity to address the issue. Depending on the situation, this may result in the Journal's and/or Publisher's implementation of the following measures, including, but not limited to:

- If the manuscript is still under consideration, it may be rejected and returned to the author.
- If the article has already been published online, depending on the nature and severity of the infraction:

- an erratum/correction may be placed with the article

- an expression of concern may be placed with the article

- or in severe cases retraction of the article may occur.

The reason will be given in the published erratum/correction, expression of concern or retraction note. Please note that retraction means that the article is maintained on the platform, watermarked "retracted" and the explanation for the retraction is provided in a note linked to the watermarked article.

- The author's institution may be informed

• A notice of suspected transgression of ethical standards in the peer review system may be included as part of the author's and article's bibliographic record.

Fundamental errors

Authors have an obligation to correct mistakes once they discover a significant error or inaccuracy in their published article. The author(s) is/are requested to contact the journal and explain in what sense the error is impacting the article. A decision on how to correct the literature will depend on the nature of the error. This may be a correction or retraction. The retraction note should provide transparency which parts of the article are impacted by the error.

Suggesting / excluding reviewers

Authors are welcome to suggest suitable reviewers and/or request the exclusion of certain individuals when they submit their manuscripts. When suggesting reviewers, authors should make sure they are totally independent and not connected to the work in any way. It is strongly recommended to suggest a mix of reviewers from different countries and different institutions. When suggesting reviewers, the Corresponding Author must provide an institutional email address for each suggested reviewer, or, if this is not possible to include other means of verifying the identity such as a link to a personal homepage, a link to the publication record or a researcher or author ID in the submission letter. Please note that the Journal may not use the suggestions, but suggestions are appreciated and may help facilitate the peer review process.

AUTHORSHIP PRINCIPLES

These guidelines describe authorship principles and good authorship practices to which prospective authors should adhere to.

Authorship clarified

The Journal and Publisher assume all authors agreed with the content and that all gave explicit consent to submit and that they obtained consent from the responsible authorities at the institute/organization where the work has been carried out, before the work is submitted.

The Publisher does not prescribe the kinds of contributions that warrant authorship. It is recommended that authors adhere to the guidelines for authorship that are applicable in their specific research field. In absence of specific guidelines it is recommended to adhere to the following guidelines*:

All authors whose names appear on the submission

1) made substantial contributions to the conception or design of the work; or the acquisition, analysis, or interpretation of data; or the creation of new software used in the work;

2) drafted the work or revised it critically for important intellectual content;

3) approved the version to be published; and

4) agree to be accountable for all aspects of the work in ensuring that questions related to the accuracy or integrity of any part of the work are appropriately investigated and resolved.

* Based on/adapted from:

ICMJE, Defining the Role of Authors and Contributors,

Transparency in authors' contributions and responsibilities to promote integrity in scientific publication, McNutt at all, PNAS February 27, 2018

Disclosures and declarations

All authors are requested to include information regarding sources of funding, financial or non-financial interests, study-specific approval by the appropriate ethics committee for research involving humans and/or animals, informed consent if the research involved human participants, and a statement on welfare of animals if the research involved animals (as appropriate).

The decision whether such information should be included is not only dependent on the scope of the journal, but also the scope of the article. Work submitted for publication may have implications for public health or general welfare and in those cases it is the responsibility of all authors to include the appropriate disclosures and declarations.

Data transparency

All authors are requested to make sure that all data and materials as well as software application or custom code support their published claims and comply with field standards. Please note that journals may have individual policies on (sharing) research data in concordance with disciplinary norms and expectations.

Role of the Corresponding Author

One author is assigned as Corresponding Author and acts on behalf of all co-authors and ensures that questions related to the accuracy or integrity of any part of the work are appropriately addressed.

The Corresponding Author is responsible for the following requirements:

• ensuring that all listed authors have approved the manuscript before submission, including the names and order of authors;

• managing all communication between the Journal and all co-authors, before and after publication;*

• providing transparency on re-use of material and mention any unpublished material (for example manuscripts in press) included in the manuscript in a cover letter to the Editor;

• making sure disclosures, declarations and transparency on data statements from all authors are included in the manuscript as appropriate (see above).

* The requirement of managing all communication between the journal and all co-authors during submission and proofing may be delegated to a Contact or Submitting Author. In this case please make sure the Corresponding Author is clearly indicated in the manuscript.

Author contributions

In absence of specific instructions and in research fields where it is possible to describe discrete efforts, the Publisher recommends authors to include contribution statements in the work that specifies the contribution of every author in order to promote transparency. These contributions should be listed at the separate title page.

Examples of such statement(s) are shown below:

• Free text:

All authors contributed to the study conception and design. Material preparation, data collection and analysis were performed by [full name], [full name] and [full name]. The first draft of the manuscript was written by [full name] and all authors commented on previous versions of the manuscript. All authors read and approved the final manuscript.

Example: CRediT taxonomy:

• Conceptualization: [full name], …; Methodology: [full name], …; Formal analysis and investigation: [full name], …; Writing - original draft preparation: [full name, …]; Writing - review and editing: [full name], …; Funding acquisition: [full name], …; Resources: [full name], …; Supervision: [full name],….

For review articles where discrete statements are less applicable a statement should be included who had the idea for the article, who performed the literature search and data analysis, and who drafted and/or critically revised the work.

For articles that are based primarily on the student's dissertation or thesis, it is recommended that the student is usually listed as principal author:

A Graduate Student's Guide to Determining Authorship Credit and Authorship Order, APA Science Student Council 2006

Affiliation

The primary affiliation for each author should be the institution where the majority of their work was done. If an author has subsequently moved, the current address may additionally be stated. Addresses will not be updated or changed after publication of the article.

Changes to authorship

Authors are strongly advised to ensure the correct author group, the Corresponding Author, and the order of authors at submission. Changes of authorship by adding or deleting authors, and/or changes in Corresponding Author, and/or changes in the sequence of authors are not accepted after acceptance of a manuscript.

- **Please note that author names will be published exactly as they appear on the accepted submission!**

Please make sure that the names of all authors are present and correctly spelled, and that addresses and affiliations are current.

Adding and/or deleting authors at revision stage are generally not permitted, but in some cases it may be warranted. Reasons for these changes in authorship should be explained. Approval of the change during revision is at the discretion of the Editor-in-Chief. Please note that journals may have individual policies on adding and/or deleting authors during revision stage.

Author identification

Authors are recommended to use their ORCID ID when submitting an article for consideration or acquire an ORCID ID via the submission process.

Deceased or incapacitated authors

For cases in which a co-author dies or is incapacitated during the writing, submission, or peer-review process, and the co-authors feel it is appropriate to include the author, co-authors should obtain approval from a (legal) representative which could be a direct relative.

Authorship issues or disputes

In the case of an authorship dispute during peer review or after acceptance and publication, the Journal will not be in a position to investigate or adjudicate. Authors will be asked to resolve the dispute themselves. If they are unable the Journal reserves the right to withdraw a manuscript from the editorial process or in case of a published paper raise the issue with the authors' institution(s) and abide by its guidelines.

Confidentiality

Authors should treat all communication with the Journal as confidential which includes correspondence with direct representatives from the Journal such as Editors-in-Chief and/or Handling Editors and reviewers' reports unless explicit consent has been received to share information.

COMPLIANCE WITH ETHICAL STANDARDS

To ensure objectivity and transparency in research and to ensure that accepted principles of ethical and professional conduct have been followed, authors should include information regarding sources of funding, potential conflicts of interest (financial or non-financial), informed consent if the research involved human participants, and a statement on welfare of animals if the research involved animals.

Authors should include the following statements (if applicable) in a separate section entitled "Compliance with Ethical Standards" when submitting a paper:

- Disclosure of potential conflicts of interest
- Research involving Human Participants and/or Animals
- Informed consent

Please note that standards could vary slightly per journal dependent on their peer review policies (i.e. single or double blind peer review) as well as per journal subject discipline. Before submitting your article check the instructions following this section carefully.

The corresponding author should be prepared to collect documentation of compliance with ethical standards and send if requested during peer review or after publication.

The Editors reserve the right to reject manuscripts that do not comply with the above-mentioned guidelines. The author will be held responsible for false statements or failure to fulfill the above-mentioned guidelines.

CONFLICTS OF INTEREST / COMPETING INTERESTS

Authors are requested to disclose interests that are directly or indirectly related to the work submitted for publication. Interests within the last 3 years of beginning the work (conducting the research and preparing the work for submission) should be reported. Interests outside the 3-year time frame must be disclosed if they could reasonably be perceived as influencing the submitted work. Disclosure of interests provides a complete and transparent process and helps readers form their own judgments of potential bias. This is not meant to imply that a financial relationship with an organization that sponsored the research or compensation received for consultancy work is inappropriate.

Interests that should be considered and disclosed but are not limited to the following:

Funding: Research grants from funding agencies (please give the research funder and the grant number) and/or research support (including salaries, equipment, supplies, reimbursement for attending symposia, and other expenses) by organizations that may gain or lose financially through publication of this manuscript.

Employment: Recent (while engaged in the research project), present or anticipated employment by any organization that may gain or lose financially through publication of this manuscript. This includes multiple affiliations (if applicable).

Financial interests: Stocks or shares in companies (including holdings of spouse and/or children) that may gain or lose financially through publication of this manuscript; consultation

fees or other forms of remuneration from organizations that may gain or lose financially; patents or patent applications whose value may be affected by publication of this manuscript.

It is difficult to specify a threshold at which a financial interest becomes significant, any such figure is necessarily arbitrary, so one possible practical guideline is the following: "Any undeclared financial interest that could embarrass the author were it to become publicly known after the work was published."

Non-financial interests: In addition, authors are requested to disclose interests that go beyond financial interests that could impart bias on the work submitted for publication such as professional interests, personal relationships or personal beliefs (amongst others). Examples include, but are not limited to: position on editorial board, advisory board or board of directors or other type of management relationships; writing and/or consulting for educational purposes; expert witness; mentoring relations; and so forth.

Primary research articles require a disclosure statement. Review articles present an expert synthesis of evidence and may be treated as an authoritative work on a subject. Review articles therefore require a disclosure statement.Other article types such as editorials, book reviews, comments (amongst others) may, dependent on their content, require a disclosure statement. If you are unclear whether your article type requires a disclosure statement, please contact the Editor-in-Chief.

Please note that, in addition to the above requirements, funding information (given that funding is a potential conflict of interest (as mentioned above)) needs to be disclosed upon submission of the manuscript in the peer review system. This information will automatically be added to the Record of CrossMark, however it is not added to the manuscript itself. Under 'summary of requirements' (see below) funding information should be included in the 'Declarations' section.

Summary of requirements

The above should be summarized in a statement and placed in a ‘Declarations’ section before the reference list under a heading of ‘Funding’ and/or ‘Conflicts of interests’/’Competing interests’. Other declarations include Ethics approval, Consent, Data, Material and/or Code availability and Authors’ contribution statements.

Please see the various examples of wording below and revise/customize the sample statements according to your own needs.

When all authors have the same (or no) conflicts and/or funding it is sufficient to use one blanket statement.

Examples of statements to be used when funding has been received:

- Partial financial support was received from [...]
- The research leading to these results received funding from […] under Grant Agreement No[…].
- This study was funded by […]
- This work was supported by […] (Grant numbers […] and […]

Examples of statements to be used when there is no funding:

- The authors did not receive support from any organization for the submitted work.
- No funding was received to assist with the preparation of this manuscript.
- No funding was received for conducting this study.
- No funds, grants, or other support was received.

Examples of statements to be used when there are interests to declare:

- **Financial interests:** Author A has received research support from Company A. Author B has received a speaker honorarium from Company Wand owns stock in Company X. Author C is consultant to company Y.

Non-financial interests: Author C is an unpaid member of committee Z.

- **Financial interests:** The authors declare they have no financial interests.

Non-financial interests: Author A is on the board of directors of Y and receives no compensation as member of the board of directors.

- **Financial interests:** Author A received a speaking fee from Y for Z. Author B receives a salary from association X. X where s/he is the Executive Director.

Non-financial interests: none.

- **Financial interests:** Author A and B declare they have no financial interests. Author C has received speaker and consultant honoraria from Company M and Company N. Dr. C has received speaker honorarium and research funding from Company M and Company O. Author D has received travel support from Company O.

Non-financial interests: Author D has served on advisory boards for Company M, Company N and Company O.

Examples of statements to be used when authors have nothing to declare:

- The authors have no relevant financial or non-financial interests to disclose.
- The authors have no conflicts of interest to declare that are relevant to the content of this article.
- All authors certify that they have no affiliations with or involvement in any organization or entity with any financial interest or non-financial interest in the subject matter or materials discussed in this manuscript.
- The authors have no financial or proprietary interests in any material discussed in this article.

Authors are responsible for correctness of the statements provided in the manuscript. See also Authorship Principles. The Editor-in-Chief reserves the right to reject submissions that do not meet the guidelines described in this section.

RESEARCH INVOLVING HUMAN PARTICIPANTS, THEIR DATA OR BIOLOGICAL MATERIAL

Ethics approval

When reporting a study that involved human participants, their data or biological material, authors should include a statement that confirms that the study was approved (or granted exemption) by the appropriate institutional and/or national research ethics committee (including the name of the ethics committee) and certify that the study was performed in accordance with the ethical standards as laid down in the 1964 Declaration of Helsinki and its later amendments or comparable ethical standards. If doubt exists whether the research was conducted in accordance with the 1964 Helsinki Declaration or comparable standards, the authors must explain the reasons for their approach, and demonstrate that an independent ethics committee or institutional review board explicitly approved the doubtful aspects of the study. If a study was granted exemption from requiring ethics approval, this should also be detailed in the manuscript (including the reasons for the exemption).

Retrospective ethics approval

If a study has not been granted ethics committee approval prior to commencing, retrospective ethics approval usually cannot be obtained and it may not be possible to consider the manuscript for peer review. The decision on whether to proceed to peer review in such cases is at the Editor's discretion.

Ethics approval for retrospective studies

Although retrospective studies are conducted on already available data or biological material (for which formal consent may not be needed or is difficult to obtain) ethics approval may be required dependent on the law and the national ethical guidelines of a country. Authors should check with their institution to make sure they are complying with the specific requirements of their country.

Ethics approval for case studies

Case reports require ethics approval. Most institutions will have specific policies on this subject. Authors should check with their institution to make sure they are complying with the specific requirements of their institution and seek ethics approval where needed. Authors should be aware to secure informed consent from the individual (or parent or guardian if the participant is a minor or incapable) See also section on Informed Consent.

Cell lines

If human cells are used, authors must declare in the manuscript: what cell lines were used by describing the source of the cell line, including when and from where it was obtained, whether the cell line has recently been authenticated and by what method. If cells were bought from a life science company the following need to be given in the manuscript: name of company (that provided the cells), cell type, number of cell line, and batch of cells.

It is recommended that authors check the NCBI database for misidentification and contamination of human cell lines. This step will alert authors to possible problems with the cell line and may save considerable time and effort.

Further information is available from the International Cell Line Authentication Committee (ICLAC).

Authors should include a statement that confirms that an institutional or independent ethics committee (including the name of the ethics committee) approved the study and that informed consent was obtained from the donor or next of kin.

Research Resource Identifiers (RRID)

Research Resource Identifiers (RRID) are persistent unique identifiers (effectively similar to a DOI) for research resources. This journal encourages authors to adopt RRIDs when reporting key biological resources (antibodies, cell lines, model organisms and tools) in their manuscripts.

Examples:

Organism: Filip1tm1a(KOMP)Wtsi **RRID:MMRRC_055641-UCD**

Cell Line: RST307 cell line **RRID:CVCL_C321**

Antibody: Luciferase antibody DSHB Cat# LUC-3, **RRID:AB_2722109**

Plasmid: mRuby3 plasmid **RRID:Addgene_104005**

Software: ImageJ Version 1.2.4 **RRID:SCR_003070**

RRIDs are provided by the Resource Identification Portal. Many commonly used research resources already have designated RRIDs. The portal also provides authors links so that they can quickly register a new resource and obtain an RRID.

Clinical Trial Registration

The World Health Organization (WHO) definition of a clinical trial is "any research study that prospectively assigns human participants or groups of humans to one or more health-related interventions to evaluate the effects on health outcomes". The WHO defines health interventions as "A health intervention is an act performed for, with or on behalf of a person or population whose purpose is to assess, improve, maintain, promote or modify health, functioning or health conditions" and a health-related outcome is generally defined as a change in the health of a person or population as a result of an intervention.

To ensure the integrity of the reporting of patient-centered trials, authors must register prospective clinical trials (phase II to IV trials) in suitable publicly available repositories. For example www.clinicaltrials.gov or any of the primary registries that participate in the WHO International Clinical Trials Registry Platform.

The trial registration number (TRN) and date of registration should be included as the last line of the manuscript abstract.

For clinical trials that have not been registered prospectively, authors are encouraged to register retrospectively to ensure the complete publication of all results. The trial registration number (TRN), date of registration and the words 'retrospectively registered' should be included as the last line of the manuscript abstract.

Purely observational trials will not require registration.

Standards of reporting

Springer Nature advocates complete and transparent reporting of biomedical and biological research and research with biological applications. Authors are recommended to adhere to the minimum reporting guidelines hosted by the EQUATOR Network when preparing their manuscript.

Exact requirements may vary depending on the journal; please refer to the journal's Instructions for Authors.

Checklists are available for a number of study designs, including:

Randomised trials (CONSORT) and Study protocols (SPIRIT)

Observational studies (STROBE)

Systematic reviews and meta-analyses (PRISMA) and protocols (Prisma-P)

Diagnostic/prognostic studies (STARD) and (TRIPOD)

Case reports (CARE)

Clinical practice guidelines (AGREE) and (RIGHT)

Qualitative research (SRQR) and (COREQ)

Animal pre-clinical studies (ARRIVE)

Quality improvement studies (SQUIRE)

Economic evaluations (CHEERS)

Summary of requirements

The above should be summarized in a statement and placed in a 'Declarations' section before the reference list under a heading of 'Ethics approval'.

Examples of statements to be used when ethics approval has been obtained:

• All procedures performed in studies involving human participants were in accordance with the ethical standards of the institutional and/or national research committee and with the 1964

Helsinki Declaration and its later amendments or comparable ethical standards. The study was approved by the Bioethics Committee of the Medical University of A (No. ...).

• This study was performed in line with the principles of the Declaration of Helsinki. Approval was granted by the Ethics Committee of University B (Date.../No. ...).

• Approval was obtained from the ethics committee of University C. The procedures used in this study adhere to the tenets of the Declaration of Helsinki.

• The questionnaire and methodology for this study was approved by the Human Research Ethics committee of the University of D (Ethics approval number: ...).

Examples of statements to be used for a retrospective study:

• Ethical approval was waived by the local Ethics Committee of University A in view of the retrospective nature of the study and all the procedures being performed were part of the routine care.

• This research study was conducted retrospectively from data obtained for clinical purposes. We consulted extensively with the IRB of XYZ who determined that our study did not need ethical approval. An IRB official waiver of ethical approval was granted from the IRB of XYZ.

• This retrospective chart review study involving human participants was in accordance with the ethical standards of the institutional and national research committee and with the 1964 Helsinki Declaration and its later amendments or comparable ethical standards. The Human Investigation Committee (IRB) of University B approved this study.

Examples of statements to be used when no ethical approval is required/exemption granted:

• This is an observational study. The XYZ Research Ethics Committee has confirmed that no ethical approval is required.

• The data reproduced from Article X utilized human tissue that was procured via our Biobank AB, which provides de-identified samples. This study was reviewed and deemed exempt by our XYZ Institutional Review Board. The BioBank protocols are in accordance with the ethical

standards of our institution and with the 1964 Helsinki declaration and its later amendments or comparable ethical standards.

Authors are responsible for correctness of the statements provided in the manuscript. See also Authorship Principles. The Editor-in-Chief reserves the right to reject submissions that do not meet the guidelines described in this section.

INFORMED CONSENT

All individuals have individual rights that are not to be infringed. Individual participants in studies have, for example, the right to decide what happens to the (identifiable) personal data gathered, to what they have said during a study or an interview, as well as to any photograph that was taken. This is especially true concerning images of vulnerable people (e.g. minors, patients, refugees, etc) or the use of images in sensitive contexts. In many instances authors will need to secure written consent before including images.

Identifying details (names, dates of birth, identity numbers, biometrical characteristics (such as facial features, fingerprint, writing style, voice pattern, DNA or other distinguishing characteristic) and other information) of the participants that were studied should not be published in written descriptions, photographs, and genetic profiles unless the information is essential for scholarly purposes and the participant (or parent/guardian if the participant is a minor or incapable or legal representative) gave written informed consent for publication. Complete anonymity is difficult to achieve in some cases. Detailed descriptions of individual participants, whether of their whole bodies or of body sections, may lead to disclosure of their identity. Under certain circumstances consent is not required as long as information is anonymized and the submission does not include images that may identify the person.

Informed consent for publication should be obtained if there is any doubt. For example, masking the eye region in photographs of participants is inadequate protection of anonymity. If

identifying characteristics are altered to protect anonymity, such as in genetic profiles, authors should provide assurance that alterations do not distort meaning.

Exceptions where it is not necessary to obtain consent:

• Images such as x rays, laparoscopic images, ultrasound images, brain scans, pathology slides unless there is a concern about identifying information in which case, authors should ensure that consent is obtained.

• Reuse of images: If images are being reused from prior publications, the Publisher will assume that the prior publication obtained the relevant information regarding consent. Authors should provide the appropriate attribution for republished images.

Consent and already available data and/or biologic material

Regardless of whether material is collected from living or dead patients, they (family or guardian if the deceased has not made a pre-mortem decision) must have given prior written consent. The aspect of confidentiality as well as any wishes from the deceased should be respected.

Data protection, confidentiality and privacy

When biological material is donated for or data is generated as part of a research project authors should ensure, as part of the informed consent procedure, that the participants are made aware what kind of (personal) data will be processed, how it will be used and for what purpose. In case of data acquired via a biobank/biorepository, it is possible they apply a broad consent which allows research participants to consent to a broad range of uses of their data and samples which is regarded by research ethics committees as specific enough to be considered "informed". However, authors should always check the specific biobank/biorepository policies or any other type of data provider policies (in case of non-bio research) to be sure that this is the case.

Consent to Participate

For all research involving human subjects, freely-given, informed consent to participate in the study must be obtained from participants (or their parent or legal guardian in the case of children under 16) and a statement to this effect should appear in the manuscript. In the case of articles describing human transplantation studies, authors must include a statement declaring that no organs/tissues were obtained from prisoners and must also name the institution(s)/clinic(s)/department(s) via which organs/tissues were obtained. For manuscripts reporting studies involving vulnerable groups where there is the potential for coercion or where consent may not have been fully informed, extra care will be taken by the editor and may be referred to the Springer Nature Research Integrity Group.

Consent to Publish

Individuals may consent to participate in a study, but object to having their data published in a journal article. Authors should make sure to also seek consent from individuals to publish their data prior to submitting their paper to a journal. This is in particular applicable to case studies. A consent to publish form can be found
here. (Download docx, 36 kB)

Summary of requirements

The above should be summarized in a statement and placed in a 'Declarations' section before the reference list under a heading of 'Consent to participate' and/or 'Consent to publish'. Other declarations include Funding, Conflicts of interest/competing interests, Ethics approval, Consent, Data and/or Code availability and Authors' contribution statements.

Please see the various examples of wording below and revise/customize the sample statements according to your own needs.

Sample statements for **"Consent to participate":**

Informed consent was obtained from all individual participants included in the study.

Informed consent was obtained from legal guardians.

Written informed consent was obtained from the parents.

Verbal informed consent was obtained prior to the interview.

Sample statements for **"Consent to publish":**

The authors affirm that human research participants provided informed consent for publication of the images in Figure(s) 1a, 1b and 1c.

The participant has consented to the submission of the case report to the journal.

Patients signed informed consent regarding publishing their data and photographs.

Sample statements if identifying information about participants is available in the article:

Additional informed consent was obtained from all individual participants for whom identifying information is included in this article.

Authors are responsible for correctness of the statements provided in the manuscript. See also Authorship Principles. The Editor-in-Chief reserves the right to reject submissions that do not meet the guidelines described in this section.

Images will be removed from publication if authors have not obtained informed consent or the paper may be removed and replaced with a notice explaining the reason for removal.

AFTER ACCEPTANCE

Upon acceptance of your article you will receive a link to the special Author Query Application at Springer's web page where you can sign the Copyright Transfer Statement online and indicate whether you wish to order OpenChoice, offprints, or printing of figures in color.

Once the Author Query Application has been completed, your article will be processed and you will receive the proofs.

Copyright transfer

Authors will be asked to transfer copyright of the article to the Publisher (or grant the Publisher exclusive publication and dissemination rights). This will ensure the widest possible protection and dissemination of information under copyright laws.

Offprints

Offprints can be ordered by the corresponding author.

Color illustrations

Online publication of color illustrations is free of charge. For color in the print version, authors will be expected to make a contribution towards the extra costs.

Proof reading

The purpose of the proof is to check for typesetting or conversion errors and the completeness and accuracy of the text, tables and figures. Substantial changes in content, e.g., new results, corrected values, title and authorship, are not allowed without the approval of the Editor.

After online publication, further changes can only be made in the form of an Erratum, which will be hyperlinked to the article.

Online First

The article will be published online after receipt of the corrected proofs. This is the official first publication citable with the DOI. After release of the printed version, the paper can also be cited by issue and page numbers.

OPEN CHOICE

Open Choice allows you to publish open access in more than 1850 Springer Nature journals, making your research more visible and accessible immediately on publication.

Article processing charges (APCs) vary by journal – view the full list

Benefits:

- Increased researcher engagement: Open Choice enables access by anyone with an internet connection, immediately on publication.
- Higher visibility and impact: In Springer hybrid journals, OA articles are accessed 4 times more often on average, and cited 1.7 more times on average*.
- Easy compliance with funder and institutional mandates: Many funders require open access publishing, and some take compliance into account when assessing future grant applications.

It is easy to find funding to support open access – please see our funding and support pages for more information.

*) Within the first three years of publication. Springer Nature hybrid journal OA impact analysis, 2018.

Copyright and license term – CC BY

Open Choice articles do not require transfer of copyright as the copyright remains with the author. In opting for open access, the author(s) agree to publish the article under the Creative Commons Attribution License.